

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

OS NOMES PLANTADOS NAS ÁRVORES GENEALÓGICAS
(Versão original)

São Paulo

2014

CARMEM SÍLVIA CARVALHAES DE OLIVEIRA

OS NOMES PLANTADOS NAS ÁRVORES GENEALÓGICAS

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Titular Isabel Cristina
Gomes

São Paulo

2014

Folha de Aprovação

Carmem Sílvia Carvalhaes de Oliveira

Os nomes plantados nas árvores genealógicas

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço à Isabel Cristina Gomes por ter me auxiliado em diversos momentos, sempre com atenção, didática e compreensão;

Aos membros da banca de qualificação, Professora Doutora Léia Prizskulnik e Professora Doutora Maria Lúcia Souza Paiva pela leitura cuidadosa e caras sugestões à dissertação;

Aos professores, funcionários e colegas do Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo, pelo acolhimento, ensino e boas lembranças que sempre terei comigo;

Aos colegas do Laboratório de Casal e Família: Clínica e Estudos Psicossociais- Labcafam- da USP , Maria, Sandra, Laura, Brunella e Carlos David pelos debates e sugestões oferecidas e à Rosilene e Cíntia pelo companheirismo e amizade;

Às gestantes por terem me confiado suas histórias de vida às quais sempre serei grata,

À minha família, irmãos e principalmente meu pai e minha mãe por terem me amado desde sempre, me darem um nome e propiciado minha vida!!!

Às psicólogas Marina Pereira Gomes e Helene Shinohara, também minha irmã, por terem me ensinado desde minha graduação a ser psicóloga;

À Isabel Castelo Branco Lima por ter me acompanhado por tantos anos, sempre com seriedade e carinho;

Aos grandes amigos Georgeta Decarli Silva, Marisa Reicher, Carmen Liz Vieira, Rosana e Ricardo Lourenção, Flavio Alberoni Farias, Marcia Oliveira do Nascimento, Katharina Beraldo, Maria de Lourdes Ornellas e Tiana Benchaia por, de alguma maneira, estarem sempre por perto e torcendo.

À Brunella Carla Rodriguez pela ajuda no final,

À Dayse Paulo da Silva Mendes pela revisão cuidadosa.

Ao meu amor e melhor amigo Afranio, que sempre me impulsionou e me deu coragem nos momentos de cansaço, transformando sempre nossa relação em motivo de crescimento.

Resumo

Oliveira, C.S.C. (2014) *Os nomes plantados nas árvores genealógicas*.

Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 77p.

Desde o momento da concepção do bebê, seus pais constroem, através dos seus desejos, toda uma rede simbólica para ampará-lo psiquicamente, a mesma rede na qual fazem parte os seus ascendentes. Por meio do nome que seus pais lhe dão, a criança recebe sua inscrição na família e pode nascer subjetivamente. Esta pesquisa se propôs a refletir acerca das motivações inconscientes que permeiam a escolha dos nomes próprios dos filhos primogênitos, pelas mães gestantes, com o intuito de observar a influência do mecanismo de transmissão psíquica nas gerações, especificamente sobre o lugar que esse filho irá ocupar na família atual e na cadeia geracional, além de contribuir com a construção de conhecimento na área da Psicanálise de Casal e Família. Foi utilizada a metodologia clínica-qualitativa para coleta e discussão do conteúdo obtido em entrevistas semi-dirigidas com cinco gestantes, sendo quatro de bebês masculinos e uma, de feminino. Também foi solicitada a realização por parte das gestantes do genograma psicanalítico. Os resultados obtidos demonstraram que nos casos analisados os nomes dados aos filhos associam-se aos legados familiares, ao mecanismo de transmissão psíquica e aos conflitos intergeracionais. O ato de nomear os filhos com o sobrenome é também uma das formas de assumir a parentalidade, bem como de inserir a criança em sua continuidade geracional e social.

Palavras-chave: gestante; transmissão psíquica; psicanálise de casal e família; genograma.

Abstract

Oliveira, C.S.C. (2014). *The names planted in family trees*.

Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 77p.

From the moment of the baby's conception, the parents build through their desires, an entire symbolic net to support him psychically, the same net that their ancestors are part of. Through the name the parents give, the child receives its enrollment in the family and can be born subjectively. This research aimed to reflect on the unconscious motivations that underlie the choice of the names of the firstborn child, by pregnant mothers, in order to observe the influence of the psychic mechanism of transmission over generations, specifically about the place this child will occupy in the current family and in the generational chain, beyond contributing to building knowledge in the area of Psychoanalysis of couple and family. The clinical qualitative methodology was used for data collection and discussion of the content obtained from the semi-structured interviews with five pregnant women, of four male and one female baby. The psychoanalytic genogram was also requested to the pregnant women. The results showed that in the analysed cases the names given to the children are associated to the family legacy, to the mechanism of psychic transmission and intergenerational conflicts. The act of naming the children with the surname is also one of the ways to assume parenting as well as to include the child in their social and generational continuity.

Key words: pregnant woman; psychic transmission; Psychoanalysis of couple and family; genogram

Sumário

1 – Introdução.....	9
2 – Revisão Bibliográfica	12
3 - Fundamentação Teórica	17
3.1 - Contextualização atual do campo de pesquisa	17
3.2 – Vínculo, Intersubjetividade e pactos inconscientes do casal	17
3.3 - Legado geracional, transmissão psíquica e segredos/criptas implicados na escolha dos nomes	22
3.4 - A relação mãe/bebê / parentalidade e transmissão psíquica	24
4 – Justificativa.....	27
5 – Objetivos: Geral e Específicos	28
6 - Metodologia	29
6.1 - Sobre o Genograma Psicanalítico	30
7 – Análise dos Resultados e Discussão.....	32
7.1 - Relato da Entrevista com a Gestante 1 (Ge1)	33
7.1.1 – Análise da entrevista e do genograma da Gestante Ge1	34
7.2- Relato da Entrevista com a Gestante (Ge2)	37
7.2.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 2 (Ge 2).....	38
7.3 - Relato da Entrevista com a Gestante Ge3	42
7.3.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 3 (Ge3).....	44
7.4- Relato da Entrevista com a Gestante (Ge4)	48
7.4.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 4 (Ge4).....	50
7.5- Relato da Entrevista com a Gestante (Ge5)	54
7.5.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 5 (Ge5).....	55
8. Análise geral (as cinco gestantes).....	59
9. Considerações Finais	63
10 – Referências	66
Anexo A – Roteiro de Entrevista.....	70
Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	71

Anexo C – Genograma psicanalítico da Gestante Ge1	73
Anexo D – Genograma psicanalítico da Gestante Ge2	74
Anexo E – Genograma psicanalítico da Gestante Ge3.....	75
Anexo F – Genograma psicanalítico da Gestante Ge4.....	76
Anexo G – Genograma psicanalítico da Gestante Ge5	77

**Alberto, Álvaro,
Ricardo...**

O que importa...

**Se todos foram
Fernando**

Que nasceu Pessoa

Antes mesmo de o Ser.

(Pessoa, 1989)

De certo modo, não nos está dada a escolha de nos furtarmos a essas exigências (de trabalho psíquico): temos de nos submeter a elas para entrar num vínculo e para existir como sujeitos. Mas também devemos nos afastar delas, nos desligar delas sempre que essas exigências e que as alianças que as selam passam a estar a serviço de nossa autoalienação e da alienação que impomos aos outros, comumente à revelia de ambas as partes (KAËS, 2011, p. 161).

1 – Introdução

Ao ler o livro, *Família e Doença Mental*, de Isidoro Berenstein (1988) encontrei no capítulo quatro, um estudo referente aos nomes próprios. Logo tive a intenção de pesquisar mais sobre esse assunto. Pensei no meu nome e nos dos meus irmãos. Nos nomes dos meus pais. Nomes fortes, de origens diferentes, tão diferentes entre si. Na busca pelo próprio entendimento, escolhi estudar os nomes dados aos filhos. Sempre temi morrer cedo porque meus dois nomes eram de pessoas familiares que morreram muito cedo. Um dia me disseram que era uma prática comum judaica colocar dois nomes nesse caso de nomear alguém com nomes de pessoas com mortes prematuras. Haveria ali uma intenção de um somar-se ao outro e com isso, o bebê teria longa vida. Espero ter essa longa vida.

Antes mesmo da concepção, um filho é idealizado, amado e inscrito na história familiar. A ele será dado um nome, e tal como um talismã, estará com ele até sua morte, o representará, falará de si e para si. Esse talismã poderá ser da sorte ou não; ser referente à sua autonomia (*auto* – próprio, *nomia* – nome), seus desejos e realizações, como poderá também ser uma corrente amarrada aos seus pés, alienante e presa a um outro, ou a uma outra história.

Difícil missão dos pais essa nomeação do filho e conseqüente destino. Poderão nomear seu filho, inscrevê-lo na família, idealizá-lo, investi-lo narcisicamente e depois suportar que após o movimento de inserção deverá ocorrer um posterior afastamento? Poderão aguardar o que lhe é próprio e não fixá-lo num lugar escravizante?

Através de dois exemplos de nomeação, será mostrado como os nomes próprios dados aos filhos podem marcar histórias de vida e destinos diferentes: a do filósofo francês Louis Althusser e do inventor da psicanálise Sigmund Freud.

Inglez-Mazzarella (2006) relata o caso de Althusser como um exemplo de uma nomeação onde o nomeado sentia que ocupava um lugar que não lhe era próprio.

Em 1980, o filósofo Althusser assassinou sua esposa, estrangulando-a. Foi considerado judicialmente como inimputável e internado num hospital psiquiátrico. A impossibilidade de falar fez com que o escritor escrevesse *O futuro dura muito tempo* (1992)¹, uma espécie de autobiografia, onde busca explicar seu crime. Nesse livro vai falar da origem do seu nome como um dos geradores de sua psicose.

Seu primeiro nome *Louis* será analisado por ele em diversos aspectos. O principal refere-se que sua mãe estava destinada a casar com um Louis que acabou falecendo na primeira guerra mundial. Com essa morte, ela acaba casando-se com o irmão de Louis, um homem rude, sendo esse um fato de grande sofrimento para ela.

Ao nascer o filho, nomearam-no de Louis para homenagear o tio falecido. Para Mazzarella (2006, p. 46), tratava-se de uma

[...] relação entre uma mãe e seu filho que porta o nome do homem amado e morto. Escolhido para ocupar o lugar “especial” e sentindo-se sugado pelo poder da morte, poder imanado de seu próprio nome, supunha ser o desejo último de sua mãe em relação a ele.

“Ele experimenta a intensidade do desejo de sua mãe, do qual encontra muita dificuldade de se livrar, e que o deixa diante de uma estruturação psicótica” (MAZZARELLA, 2006, p. 47).

Para Althusser, o nome Louis comportava também um *oui* que ele não suportava, “Talvez esse nome dissesse um pouco demais, em meu lugar: *oui*, e eu me revoltava contra esse “sim” que era o “sim” ao desejo de minha mãe, não ao meu” (ALTHUSSER, 1992 apud MAZZARELLA, 2006, p. 47).

Já com o exemplo de Sigmund Freud, sua nomeação também marcará de forma significativa sua vida e destino.

Freud foi o primeiro filho do terceiro casamento de seu pai Jakob Kallamon Freud com Amalie Nathansohn, esta com 20 anos, ou, com a metade da idade do seu noivo. Do seu segundo casamento Jakob já possuía dois filhos, Emanuel era o mais velho, casado e com filhos e Philipp o mais novo. Um dos filhos de Emanuel, John, foi o companheiro de jogos de Freud, e embora fosse apenas um ano mais velho que ele, soava estranho para o pequeno

¹ Althusser, L. *O futuro dura muito tempo*, São Paulo: Companhia das letras, 1992.

Freud que ele fosse seu tio. No último casamento nasceram Anna, Rosa, Marie, Adolfine, Paule e Alexander, irmãos de Freud.

Quando Sigmund Schlomo Freud nasceu, seu avô paterno Schlomo Freud havia falecido. Seu pai dá o nome do seu pai ao filho em sua homenagem, tratando-se de uma tradição na cultura judaica.

Os nomes que seu pai registrou para ele na Bíblia da família, “Sigismund Schlomo”, não sobreviveram à adolescência de Freud. Ele nunca usou “Schlomo”, nome do avô paterno, e, depois de experimentar “Sigmund” nos últimos anos de escola, adotou-o algum tempo após seu ingresso na Universidade de Viena, em 1873 (GAY, 1989, p. 22).

Se para o pai de Freud havia, ao nomear seu filho, uma tradição religiosa, “pelo ângulo de sua jovem mãe, o fato de seu bebê ter nascido em um âmbito auspiciava-lhe profusa fama e felicidade no futuro” (HOMRICH, 2008, p. 33).

Depois do nascimento de Freud, quando ele estava com 17 meses, nasceu um irmão que só viveu por seis meses, Julius. “A morte de um filho tende a intensificar os sentimentos dos pais em relação aos filhos sobreviventes” (MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012, p. 191).

Lendo uma das biografias de S. Freud (GAY, 1989), sabe-se tanto dos investimentos da família, desde cedo, ao filho considerado prodígio, como de sua vida, de um grande homem com importante ambição intelectual e social. Gay nos relata situações vividas pelo pequeno Freud, em que o bebê era tomado por aquele que será um grande homem ou mesmo, já aos onze ou doze anos, aquele que se tornará um ministro. Previsões de uma camponesa, ou de um poeta, não importavam. Seus pais eram convictos que ‘albergavam um gênio’ dentro da família.

Pode-se estender essa questão da nomeação de Freud também para aquela realizada por ele com seus filhos, seguindo a tradição judaica de sua família.

Cervený e Rabinovich (2006, p. 100, grifos do autor) nos falam que Freud

...teve seis filhos, cujos nomes foram tomados de amigos judeus, e cujas iniciais – Mathilde, Martin, Olivier, Sophie Hanna e Ernst – remetem a Moshe, ou Moisés, o pai fundador judeu. Isto pode ser visto como um modo de prolongar afetiva e culturalmente o judaísmo e como uma forma de memória transmitida de pais a filhos. A interpretação mais usual é a de que Freud, por meio dessa transmissão, estaria estabelecendo uma reconciliação com a imagem paterna.

Althusser e Freud, dois homens, duas nomeações e diferentes destinos.

Tinta indelével, transgeracional, que impregna e desenha os traços do nome (TESONE, 2009, p.3).

2 – Revisão Bibliográfica

Sobre os nomes

Em *Totem e Tabu* (1913[1912-13]), Freud analisa o tabu em relação aos mortos, dentre outros. Nessa perspectiva, os primitivos – assim como as crianças e os neuróticos, supõem um contágio virulento tanto por uma aproximação com os mortos propriamente ditos, como com os seus nomes que não devem ser pronunciados. As proibições do pronunciamento dos nomes dos mortos são costumes extremamente disseminados, com consequências importantes. Algumas tribos trocam os nomes dos mortos assim que esses morrem e esses novos nomes, sim, podem ser pronunciados. Se o nome do morto também for o de um animal, da mesma forma, esse nome deverá ser trocado. Entretanto, em outras tribos, após um longo período de luto, os nomes dos mortos são dados aos seus filhos, como se esses fossem reencarnações do morto.

Freud (1913[1912-13], p. 77) aponta que “O tabu sobre nomes parecerá menos misterioso se tivermos em mente o fato de que os selvagens encaram o nome como uma parte essencial da personalidade de um homem e como uma posse importante: eles tratam as palavras, em todos os sentidos, como coisas.” O autor compara esse comportamento com o de uma criança e com os neuróticos obsessivos, mas, sobretudo, coloca que adultos civilizados atribuem importância tanto aos nomes próprios de outros como aos seus mesmos, que são marcadamente ligados às suas personalidades.

Com relação ao surgimento do totemismo, uma das teorias – nominalista – diz respeito à necessidade sentida pelos clãs no sentido de se diferenciarem uns dos outros pelo uso de nomes. Comparam-se às insígnias heráldicas tão utilizadas por indivíduos, famílias e clãs. “O totem é uma marca de clã, depois um nome de clã, depois o nome do ancestral do clã e, finalmente, o nome de algo adorado por um clã” (Freud 1913[1912-13], p. 136).

Recebemos, através deste mito inaugural, o tabu, a proibição do assassinato e a lei contra o incesto, e transmitimos, para a nova geração, tais valores, recalques e limites.

Com isso, o nome a ser dado ao filho não só busca diferenciá-lo dos demais, como o marca e insere o seu lugar na família, no clã.

Tesone (2009) considera que o nome próprio carrega inscrições transgeracionais. Para o autor, psicanalista, “nomear é fazer entrar a criança na ordem das relações humanas, daí a importância que adquire o nome que se dá a uma criança e que ela recebe. Levar um nome significa ter um lugar num sistema relacional” (TESONE, 2009, p. 2).

Para esse autor, “escolher, dar um nome a uma criança é fazer-lhe a doação de uma história imaginária e simbólica familiar” (TESONE, 2009, p. 2). Essa doação insere a criança “nas linhagens maternas e paternas”.

Sendo o nome “a primeira inscrição simbólica do ser humano” (TESONE, 2009, p. 2), nomear retira a filiação como acontecimento biológico e a torna simbólica.

Na eleição do nome da criança aparece, em filigrana, o desejo dos pais [...] A família na qual a criança se inscreve tem um passado, um tecido reticular inter-relacional, uma rede transgeracional, que alberga a criança que vem ao mundo no seu seio. A família oferece à criança um espaço, uma estrutura significativa que opera como pré-forma. A criança recebe, assim, ainda antes de nascer, uma mensagem emitida pelos significantes parentais. Atribui-se um nome a uma criança – em contrapartida, às vezes, atribui-se uma criança a um nome (TESONE, 2009, p. 2).

Em termos de sintomas da criança na clínica, Dolto (1989, p. 114) nos relata um caso onde ‘a falta de um nome no Outro’ foi motivo de uma criança, de quinze meses, apresentar insônia. Era uma criança que durante o dia era considerada “ótima, que se dá bem com todo o mundo”, mas que à noite sofria com angústias que a impediam de dormir.

A autora procurou compreender junto aos pais e com a própria criança o que poderia estar acontecendo. A família era constituída pelos pais, o bebê e uma menina de quatro anos. Houve um bebê que morreu logo que nasceu. Por tradição familiar de oito gerações, esse bebê que nasceu morto iria ter um nome, se tivesse sido batizado, que seria o mesmo do bebê insone. É o nome dado ao filho mais velho na família paterna.

À mãe foi solicitada a história do bebê que morrera ao nascer. Dolto logo suspeita que o bebê talvez tivesse insônia por ter recebido o nome destinado à criança morta.

Numa sessão, Dolto esperou um momento para dizer ao bebê que ele teve um irmão mais velho que morreu logo após nascer. Contou-lhe também que esse irmão deveria ter o mesmo nome que ele, mas que “sua mãe tivera o desgosto de não poder chegar a pensar nesta criança com um nome; e talvez ele mesmo tivesse pensado que, ao dormir, representava uma criança morta, já que sua mãe não tivera outro nome para seu irmão que não o dele” (DOLTO,

1989, p. 116). A criança, que brincava com os brinquedos, parou e encarou Dolto. Ela continuou dizendo a ele “que seu irmão não estava zangado com ele, que lhe tinha dado seu nome, como havia decidido o pai, como havia decidido o avô, e que sua mãe sabia que, mesmo dormindo, ele não era uma criança morta” (DOLTO, 1989, p. 116). O bebê logo disse para a mãe: “bora, bora”, ele queria ir embora. Deve ter sido forte demais para a criança. A sessão foi encerrada e eles se foram. Na sessão seguinte a mãe diz que naquele dia o bebê chegou em casa e dormiu durante dez horas!

Dolto (1989, p. 118) conclui que “quando não se dá um nome a um ser humano, não se lhe dá o direito de morrer, por assim dizer, já que não se lhe deu o direito de viver. Um ser humano só vive se for nomeado”.

Berenstein (1988, p. 126) considera que “O nome próprio indica uma relação entre o receptor e o doador do nome e, muitas vezes, é a expressão de indicadores de um nível altamente inconsciente sobre o sistema de relações entre ambos.” Para ele, “O sistema dos nomes próprios torna-se significativo desde a estrutura inconsciente da família e informa sobre o tipo de equilíbrio e origem dessa estrutura” (BERENSTEIN, 1988, p. 147). Isto significa que a nomeação na família segue determinada regra que fixa o indivíduo quanto sua pertinência à linha materna ou paterna, onde se pode identificar um tipo de equilíbrio muitas vezes inconsciente. O autor utiliza-se da estrutura elementar de parentesco de Lévi-Strauss.

Amaral Silva recorre à da Análise do Discurso para compreender o ato de nomear. Um acontecimento discursivo “pode ser definido como a confluência entre memória e atualidade, ou seja, entre a história que está armazenada na memória social, constituindo o interdiscurso, e os acontecimentos contemporâneos vividos em sociedade.” (SILVA, 2012, p. 103) Dessa forma, para a autora,

[...] o nomear, o dar um nome a uma criança, constitui um acontecimento discursivo. O nome próprio traz consigo uma história, ou seja, uma memória que acumula sentidos ideológicos em diferentes períodos históricos. Além disso, cada nomear é um acontecimento, ou seja, é uma ruptura com todos estes fatos que acompanham o nome para que ele passe a designar um novo ser a partir de um determinado momento. (SILVA, p.103).

Na revisão bibliográfica sobre o tema foram também encontrados diversos estudos, tais como Rabinovich (1991, 2008) e Piccinini (2004), a respeito da relação mãe-bebê na gestação e das expectativas e sonhos da gestante frente ao filho que irá nascer. Os mesmos, geralmente, tratam de aspectos conscientes na escolha do nome próprio que será dado ao

filho, como homenagens a pessoas significativas, a figuras religiosas, visando um bom futuro a ele, como ensina Rabinovich, Costa e Franco (2008). O nome parece poder determinar o destino da pessoa, sendo visto como poderoso e mágico, mas também se liga à dinâmica do casal na época da nomeação em função de quem escolheu o nome do bebê, segundo Rabinovich et al. (1991). Algumas pesquisas sugerem que ao dar o nome ao bebê, ele será investido subjetivamente, a relação da mãe com ele será estreitada e ela própria, a mãe, poderá adquirir sua identidade materna como em Szejer (1999) e Raphael-Leff (1997) apud Piccinini et al. (2004, p. 230):

O nome do bebê, além de ter possibilitado uma relação mais próxima com ele, uma vez que fala nitidamente da identidade deste novo ser, revelou expectativas conscientes e inconscientes dos pais. Estes achados corroboram a literatura, que aponta que o nome revela muitas das expectativas depositadas no bebê (SZEJER, 1999), além de influenciar na interação mãe-bebê, na medida em que este é visto como mais personalizado (RAPHAEL-LEFF, 1997)

Levitt e Dubner (2005) mostraram a correlação entre o nome de um bebê e o status socioeconômico dos pais. “O que os dados californianos sugerem é que um número incrível de pais lança mão de um nome para expressar suas próprias expectativas a respeito de quão bem-sucedidos serão seus filhos” (LEVITT; DUBNER, 2005, p. 210).

Por meio de informações obtidas nas certidões de nascimento de cada criança nascida na Califórnia desde 1961, obtém-se além do número de 16 milhões de nascimentos, o nome, sexo, raça, peso do nascituro, o estado civil dos pais, mais dados como o código postal (que indica o status socioeconômico e a composição racial de um bairro), os recursos para o pagamento da conta do hospital (novamente um indicador econômico) e o nível de instrução dos pais. Os autores Levitt e Dubner citam Roland G. Fryer Jr², um economista jovem interessado na cultura negra, que utilizou esse banco de dados da Califórnia para analisar “o fenômeno do ‘comportamento branco’ e a defasagem negros-brancos nas notas escolares” (LEVITT; DUBNER, 2005, p. 187).

Dentre outros, “Os dados californianos comprovaram o quão diferente são os pais negros dos brancos na hora de dar nome aos filhos” (LEVITT; DUBNER, 2005, p. 189). Se anteriormente havia maior semelhança entre esses nomes, a partir de 1980, uma criança negra recebia um nome “vinte vezes mais comum entre negros (os nomes dos meninos acompanharam a mesma tendência...)” (LEVITT; DUBNER, 2005, p. 189). Parece que isso

² FRYER JR, R.G.; LEVITT, S.D., *Quarterly Journal of Economics* 119, nº 3, p.767-805, ago. 2004.

foi devido ao “movimento *Black Power*, que buscou acentuar a cultura africana e combater o argumento de que os negros seriam inferiores” (LEVITT; DUBNER, 2005, p. 189-190).

Podemos concluir que os nomes possuem importância significativa para a personalidade do homem, com destaque aos investimentos parentais. Nomear é um acontecimento simbólico, insere a criança na história familiar e social é ao mesmo tempo um ato contemporâneo.

3 - Fundamentação Teórica

3.1 - Contextualização atual do campo de pesquisa

Existem diferentes possibilidades de constituir-se uma família para acolher o nascimento de uma criança. Essa pesquisa refere-se ao casal heterossexual, que mora na mesma casa, que tem a intenção de construir uma família e continuar o legado geracional.

3.2 – Vínculo, Intersubjetividade e pactos inconscientes do casal

Desde o momento da concepção do bebê, seus pais constroem, através dos seus desejos e expectativas, toda uma rede simbólica para ampará-lo psiquicamente, a mesma rede na qual fazem parte os seus ascendentes. Por meio do nome que seus pais lhe dão, a criança recebe sua inscrição na família e pode nascer subjetivamente. Nesse vínculo entre a mãe e o bebê se estabelece uma intersubjetividade que cria alianças inconscientes entre eles, mãe e bebê, e as famílias implicadas, que marcam suas subjetividades, tomando espaços no inconsciente de cada um e do grupo familiar. Dessa forma, o sujeito do inconsciente torna-se o sujeito da herança.

A mãe e o conjunto familiar sonham o bebê imaginário, eles o incluem em seu sonho, lhe concedem um lugar. Nesse momento, sua psique não é separada daquelas dos que formam seu berço psíquico. [...] Suas primeiras identificações, seus primeiros vínculos, seus ideais, seus mecanismos de defesa, seu pensamento se apoiarão nesse berço psíquico. (KAËS, 2011a, p. 189).

E, acrescentaríamos que, através do ‘nome dado ao filho’ também lhe é dado um lugar na família. O ‘nome do bebê’ é mais um significante para concebê-lo.

A família recebe uma criança com todos os conteúdos geracionais e os transfere, inserindo-a como um elo nessa história. Falamos dessa criança que já nasce e é herdeira das histórias familiares, seus sonhos e pesadelos. Nessa rede intersubjetiva, “circula, se transmite

e se produz matéria psíquica, formações comuns ao sujeito singular e aos conjuntos de que ele é parte constituinte e parte constituída” (KAËS, 2001, p. 12).

Para Kaës (2011b, p. 159), o vínculo é “a realidade psíquica inconsciente específica construída pelo encontro de dois ou mais sujeitos.” Em termos de processo, “o vínculo é o movimento mais ou menos estável dos investimentos, das representações e das ações que associam dois ou mais sujeitos para a realização de alguns de seus desejos” (KAËS, 2011b, p. 159).

Há um trabalho psíquico imposto à psique quando a intersubjetividade está presente, e ela é o grupo, e o grupo é aquele que nos precede e

É nesse conjunto que o recebe, nomeia, que o sonhou, que o investe, o situa e o fala, que o sujeito do grupo se torna sujeito falante e sujeito falado, não só pelo efeito da língua, mas pelo efeito do desejo daqueles que – como a mãe, em primeiro lugar – também se fazem porta-vozes do desejo, do interdito, das representações do conjunto (KAËS, 2001, p.13-14).

Com a perspectiva do vínculo, ou, da lógica do vínculo, saímos da psicanálise tradicional que diz respeito aos conteúdos intrapsíquicos e nos dirigimos à psicanálise vincular.

A psicanálise sempre tratou do sujeito individual, com suas pulsões, conflitos e desejos. Embora em alguns momentos da obra freudiana temas do social, do coletivo, dos contratos e leis sociais tenham sido citados, só mais tarde outros autores começaram a trabalhar com a implicação do Outro sobre o sujeito. Não mais no sentido do outro como objeto, mas do Outro que traz e produz marcas psíquicas na relação de uma forma recíproca e simultânea.

Em *Uma introdução ao narcisismo* (1914), Freud nos fala como no nascimento da criança, lá onde existem apenas as pulsões auto-eróticas dispersas, anárquicas, uma nova ação psíquica precisa ser adicionada a esse auto-erotismo, a fim de desenvolver o seu ego. Essa nova ação psíquica será uma construção mental por parte dos pais, chamada *ego ideal* que virá constituir o ego de seu filho e ampará-lo.

Esse *ego ideal* diz respeito aos narcisismos materno e paterno e reflete uma idealização desta criança, construída antes mesmo do seu nascimento, onde só existe perfeição e brilho, um corpo integrado, e onde descobrem nessa criança ainda recém-nascida semelhanças familiares e um desejo de um mundo sem restrições e sofrimentos a ela.

“Se prestarmos atenção à atitude dos pais afetuosos para com seus filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram” (FREUD, 1914, p. 107).

Ao deparar-se com esse *ego ideal* tal como a uma imagem, a criança vislumbra a si mesma integrada e deleita-se nessa perfeição; esse narcisismo, ou o amor por si próprio, surgiu deslocado deste *ego ideal*; entretanto sabemos o quanto dele já foi tecido e valorizado pelos pais. Nesses momentos formadores do ego, ele próprio, na sua totalidade, será tomado como objeto de amor.

Sobre o *ideal de ego*, Freud (1923, p. 45) afirma que “por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal.” Essa “pré-história pessoal” é uma referência freudiana ao que transcende a história do sujeito, ao que está na história do pai e de seus ascendentes, e a qual se identifica transgeracionalmente. “O *ideal de ego* desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação” (FREUD, 1914, p. 119).

Vemos aí como os conceitos de ego, ego ideal, ideal de ego estão relacionados tanto à formação psíquica do sujeito, como sua inserção no seu grupo social, com seus valores, regras e identificações. É disso que aqui estamos a falar: a criação do ego individual inserido no meio social a que faz parte. É o momento inaugural onde a intersubjetividade acolhe o sujeito e o marca pela presença do Outro. Não há possibilidade de um ego isolado, ou isso nos endereçaria às patologias. O acolhimento do bebê é psíquico, mas o psíquico traz referências do outro, ou de muitos outros à criança.

Dessa forma, sabemos como é necessária a existência do investimento narcísico dos pais na criança, porém também sabemos como a criança precisa desvencilhar-se dessa história ou, inserida nela, fazer seu lugar único – tomar nas próprias mãos o passado e construir, a partir de si mesma, uma nova história, a sua história! Kaës (2001, p. 11), refere-se ao que Fausto de Goethe diz, destacando “a aquisição como resultado da transmissão”: “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.

Nessa mesma obra, o autor coloca:

[...] isso porque o sujeito da herança está dividido, como o sujeito do inconsciente, entre a necessidade “de ser um fim para si mesmo” e de ser “o elo de uma cadeia à

qual está sujeito sem a participação de sua vontade”, mas à qual deve servir e da qual pode esperar tirar benefícios (KAËS, 2001, p. 11).

Desde a união dos pais, pactos inconscientes são criados entre eles e deverão ser mantidos para a continuidade do casamento. Com o nascimento da criança, mais um é inserido nessa dinâmica psicológica do casal, criando a parentalidade e também a ela será designado um lugar psíquico e a mesma sujeição aos recalques, silêncios, segredos familiares. “É cabível supor hoje em dia que uma parte da função recalcante se apoie em certas modalidades de transmissão psíquica, por exemplo, segundo as modalidades fixadas pelas alianças, pactos e contratos inconscientes.” (KAËS, 2001, p. 13).

Por isso, “A negatividade está na base da construção do vínculo” (KAËS, 2005, p. 113).

Kaës (2011b, p. 160) demonstra que há um trabalho psíquico imposto a esse processo vincular e distingue quatro principais exigências de trabalho psíquico: “a primeira é a obrigação que o sujeito tem de investir o vínculo e os outros com sua libido narcísica e objetual a fim de receber em troca os investimentos necessários para ser reconhecido como sujeito membro do vínculo.” Aqui o autor faz referência ao contrato narcisista descrito por Castoriadis-Aulagnier. Segunda essa autora, tanto a palavra materna, como a paterna, assim como os seus discursos, são submetidos a uma lei e essa lei diz respeito ao registro sócio-cultural. Nesse sentido,

A relação entre o casal parental e a criança leva sempre o traço da relação do casal com o meio social que o cerca [...] O discurso social projeta sobre o infans a mesma antecipação própria ao discurso parental: bem antes do novo sujeito estar lá, o grupo pré-investirá o lugar que ele supostamente ocupará, na esperança de que ele transmita, de forma idêntica, o modelo sócio-cultural. O sujeito, por sua vez, procura e deve encontrar, neste discurso, referências que lhe permitam se projetar num futuro, a fim de que seu afastamento deste primeiro suporte, representado pelo casal parental, não se traduza pela perda de todo suporte identificatório. O conflito que pode existir entre o casal e o meio corre o risco de confirmar, para a psique infantil, a identidade entre o que ocorre na cena exterior e sua representação fantasmática de uma situação de rejeição, de exclusão, de agressão, de onipotência [...] (AULAGNIER, 1979, p. 146).

A segunda exigência de trabalho psíquico “é a colocação em latência, o recalçamento, a renúncia ou abandono de certas formações psíquicas próprias ao sujeito” (AULAGNIER, 1979, p. 160). O autor se refere a uma colocação de Freud quando esse diz que o Eu deve abandonar parte de suas identificações e de seus ideais pessoais em função de ideais comuns e trocas de benefícios com o grupo.

A terceira exigência diz respeito à “necessidade de por em funcionamento operações de recalque, de recusa da realidade ou de rejeição para que as conjunções de subjetividade se formem e os vínculos se mantenham” (KAËS, 2011b, p. 160). Aqui Kaës vai citar as *alianças inconscientes defensivas*, que “são os processos que produzem o inconsciente atual no vínculo, elas formam seus nós neuróticos e psicóticos e, por esse conjunto de razões, elas são as peças fundamentais da formação da realidade psíquica própria a uma configuração vincular” (KAËS, 2011b, p. 160).

A quarta exigência de trabalho psíquico imposto ao vínculo está associada aos interditos fundamentais e suas relações com o trabalho da civilização. Kaës coloca que “O resultado dessa exigência são as *alianças inconscientes estruturantes* [...] O resultado dessa exigência de trabalho é a formação de sentido, a atividade de simbolização e de interpretação, mas também a capacidade de amar, de brincar, de pensar e de trabalhar” (KAËS, 2011b, p.160).

Kaës (2011b) vai esclarecer como essas exigências são ao mesmo tempo estruturantes e conflituosas. Entre a satisfação do próprio sujeito e seu grupo, surgem os conflitos, mas também a troca de benefícios e encargos. Desde Freud (1930 [1929]) sabe-se que em função da cultura, dos aspectos sócio-culturais, há a necessidade do recalque de certas pulsões. A cultura impõe essa exigência do recalque que as alianças inconscientes nos vínculos também impõem. Para fazer-se laço, certas condições devem ser mantidas pelos sujeitos dos grupos, nos grupos³.

Importante destacar que essas alianças inconscientes “formam os quadros ou as bases intersubjetivas da subjetividade, são as condições e garantias do espaço psíquico comum e compartilhado em que “o eu [*Je*] pode advir”. [E essas alianças inconscientes] garantem a transmissão da vida psíquica entre gerações” (KAËS, 2011b, p. 162).

Para Benghozi (2006, p. 11), “O jogo das lealdades genealógicas transmitidas pode ser esclarecido pela escolha dos nomes, do modo pela qual se veiculam os mitos por meio de certos rituais, certos objetos de família, *slogans* e emblemas familiares.”⁴ Aqui se expressa e

³ “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização [...] O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela (à liberdade), e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições” (FREUD, (1930[1929]), p. 116). “[...] é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação... de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos” (FREUD, (1930[1929]), p. 118).

⁴ “[...] Le jeu des loyautés généalogiques transmises peut être éclairé par le choix des prénoms, la manière dont se véhiculent les mythes à travers certains rituels, certains objets de famille, slogans et devises familiales.” (Tradução livre da autora).

define a transmissão intergeracional, recheada dos mitos e lendas familiares. É importante destacar o adjetivo expresso pelo autor em termos de transmissão, que são as *lealdades*. Para manter o grupo familiar coeso, é importante ao ser inserido e receber sua herança, ser leal às suas origens e ancestralidades.

3.3 - Legado geracional, transmissão psíquica e segredos/criptas implicados na escolha dos nomes

O mecanismo de transmissão psíquica englobando conteúdos conscientes (mitos familiares, crenças) e inconscientes (a falta, o não dito, os segredos encriptados, as proibições), compõe e determina o legado geracional de cada indivíduo. Somos herdeiros de nomes, narcisismos, identificações, representações e recalques de uma família, de um clã, de um povo e de uma raça. Cabe a cada um, como único, receber sua herança familiar, e imprimir junto a ela, o seu próprio nome.

A transmissão psíquica pode ser intergeracional e transgeracional. A transmissão intergeracional é aquela passível de modificação e ligações de uma geração à outra e a transgeracional diz respeito àquilo que “não pode beneficiar modificações que permitam sua integração psíquica”, (GRANJON, 2000, p. 25).

A autora complementa: “Nenhuma falta, nenhuma transgressão, nenhuma morte, nenhum delito, [...] uma forma ou de outra, [...]” (GRANJON, 2000, p. 25) o que será transmitido será apenas “o traço daquilo que se passou”, (GRANJON, 2000, p. 25) mas silencioso, não poderá falar de si.

[...] a transmissão transgeracional, que passa pelas gerações e não entre as gerações; a transmissão que implica na alienação do sujeito na história de um outro; a transmissão direta, onde ocorrem repetições de acontecimentos vividos; e a transmissão de formas psíquicas negativas no sentido do irrepresentável, desligada e alienante, que vem fazer ruptura na associação individual e grupal (GRANJON, 2000, p. 25-26).

Para Kaës (2011a, p. 128), há o aspecto do negativo na transmissão, e nesse sentido,

Aquilo que se transmite é o que não pôde ser contido, retido, aquilo que não é lembrado, o que não encontra inscrição na psique dos pais e vem depositar-se ou

enquistar-se na psique de uma criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória; para os quais um trabalho de luto não pôde ser realizado.

Em *A Casca e o Núcleo*, Abraham e Torok (1995) foram pioneiros ao desenvolver a noção de cripta. Ao abordarem o problema do luto, ‘a doença do luto’, baseados no texto de Freud, *Luto e Melancolia* (1917 [1915]), os autores vão partir do conceito de introjeção e compará-la com o de fantasia de incorporação.

A incorporação é uma fantasia primitiva enquanto a introjeção, um processo psíquico. O importante é entendermos qual a finalidade da fantasia de incorporação, ao que ela se opõe. A fantasia pretende de modo mágico evitar o trabalho da recomposição. Seu evento procura *recusar o luto* e suas consequências, “é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que está perdido, é recusar saber o verdadeiro sentido da perda” (ABRAHAM; TOROK, 1995, p. 245).

Enquanto fenômeno clínico, a cripta diz respeito a segredos ou incapacidade de aceitação da perda, do luto, que são vivenciados e são transmitidos às gerações, porém sem palavras, sem ter como falar do que foi vivido. No caso de um nome dado ao filho, é como se houvesse uma sombra do ente que foi perdido, de situações de sofrimentos não passíveis de comunicação, enfim, do que aquele nome tem como memória fantasmática.

Destaca-se que para Kaës (2011a, p. 128) o que se transmite de um espaço psíquico para outro, na intersubjetividade, são “essencialmente *configurações de objetos psíquicos*, isto é, objetos munidos de seus vínculos com aqueles que precedem cada sujeito.” Daí sermos herdeiros ao nascer, como dissemos anteriormente.

O conceito do intermediário refere-se aquilo que permeia a relação do interno com o externo, por exemplo, o *Ego*, instância psíquica que busca ser o mediador (intermediário) entre as exigências do *Id* e as condições da realidade.

O conceito de intersubjetividade, fundamental nas relações vinculares e que abre o espaço para a transmissão psíquica, supõe a existência da criação de um espaço comum nos inconscientes dos envolvidos. Nesse sentido, abarca a transicionalidade, isto é, “um princípio de funcionamento do aparelho psíquico no contato com a intersubjetividade” (KAËS, 2005, p. 28), sendo a capacidade de conteúdos psíquicos “transitarem” de um espaço psíquico a outro.

Pode-se pensar a categoria do intermediário como sendo “também a que permite aproximar da questão da articulação entre o espaço intrapsíquico e o espaço intersubjetivo,

pluri-subjetivo, socialmente organizado, coletivamente atravessado pela realidade psíquica” (KAËS, 2005, p.11).

3.4 - A relação mãe/ bebê / parentalidade e transmissão psíquica

Para Solis-Ponton (2004, p. 29), “a parentalidade é o estudo dos vínculos de parentesco e dos processos psicológicos que se desenvolvem a partir daí.” A autora nos fala do texto *Totem e Tabu* como aquele em que Freud analisa “os princípios do funcionamento inconsciente que estariam na origem da parentalidade como estrutura psíquica” (SOLIS-PONTON, 2004, p. 30).

“Tanto o parentesco quanto a cultura revelam-se como organização fundadora do ser humano que cada indivíduo e cada grupo social construirão segundo seu contexto e sua genealogia” (SOLIS-PONTON, 2004, p. 30).

Como já falamos, os pais recebem narcisicamente seus filhos e os introduzem tanto na própria genealogia, como na cultura. Ao sermos marcados pela intersubjetividade, o Outro nos coconstrói subjetivamente; e o outro e os outros nos recebem e nos submetem aos seus valores e regras. Esse é o contrato social.

“O processo de parentalidade se constrói em todas as etapas da vida e, especialmente, durante a gravidez” (MISSONNIER, 2004, p. 115). Esta fase é iniciada pelo ‘projeto de ter um filho’, e “põe em cena um certo número de elementos que se cristalizarão no momento em que se inicia a gravidez.” (MISSONNIER, 2004, p. 115). A gravidez tem como característica a transparência psíquica, onde as repressões da grávida ficam em suspenso, deixando evidenciar, de uma maneira diferente do normal, seus conflitos inconscientes.

Szejer (1999, p. 24) nos relata essa “emergência espontânea de associações [...] que só se observa num período muito limitado do tempo [...] e que essa disponibilidade de acesso aos conteúdos inconscientes é muito transitória.” Para ela, “É como se essa abertura tivesse a função de estabelecer uma forma de transmissão dos significantes da história familiar dos pais à criança [...] parece-me que estes (os bebês) são extremamente permeáveis a essa herança [...]” (SZEJER, 1999, p. 24-25).

É uma forma interessante de também pensarmos a transmissão psíquica.

Lebovici e Soulé (1980, p. 277) consideram que a relação mãe-bebê nos remete a uma evolução afetiva anterior, onde “a criança tem uma existência fantasmática no espírito de sua mãe desde os primeiros anos da vida desta e muito antes que ela tenha possibilidades fisiológicas de ser mãe.” Toda história de vida da mãe modifica essa relação imaginária e também, no nascimento, a confrontação do próprio bebê pode influenciar a mãe e reestruturar as ordenações frente aos fantasmas.

Bibring⁵ na obra de Cohen et al. (2011, p. 38) criou o conceito de crise de maturidade em 1959 onde “a gravidez adquire o sentido de processo, uma virada irreversível no ciclo vital de uma mulher, durante o qual ela revive os conflitos infantis das fases precedentes do seu desenvolvimento e, em particular, das primeiras relações e identificações com a sua mãe.” Com sentido de evolução e maturidade, há possibilidades de maior integração psíquica da mulher, e abriga uma fase de importante vulnerabilidade. Podem ocorrer profunda desestruturação e riscos de distorção psicopatológica em função de mudanças na gravidez que podem ser tidas como uma ameaça à integridade da gestante.

Solis-Ponton (2004, p. 32) fala a respeito dessa fase, da seguinte forma: “O estado específico de sensibilidade que a mãe vive durante a gravidez e os primeiros anos da criança, a evocação de sua própria infância e as relações que teve com a própria mãe, provocam uma regressão psíquica que a conduz a se identificar à criança que traz em seu ventre como o bebê que ela foi.” Dessa forma, “a mãe vai sentir o desejo de amar e cuidar de sua criança como ela teria desejado ser amada” (SOLIS-PONTON, 2004, p. 32).

O importante é que esse “jogo de identificações permite à mãe adaptar-se às necessidades do seu bebê” (SOLIS-PONTON, 2004, p. 33).

Anteriormente dissemos que a gestação de uma criança é acompanhada de grande investimento narcísico parental e esse é baseado nos narcisismos dos próprios pais. É como se houvesse um acordo narcísico de geração para geração; e isso evidentemente tem relação com as identificações e com o inconsciente de todos os envolvidos: mãe, pai e familiares.

Missonnier (2004, p.116) considera primordial a metáfora da placenta como constituída tanto biologicamente, quanto psiquicamente, “como um terceiro.” A placenta está numa interface entre o sistema materno e o sistema fetal, sendo fonte de homeostase.

Há um desenvolvimento neurobiológico do bebê com interação complexa e permanente com o ambiente, cujo nascimento colocará à prova esse desenvolvimento com o

⁵ Bibring, G.L. Some considerations of the psychological process in pregnancy, *Psychoanal Study Child*, Yale University Press, 14, 1959, pp. 113-121.

ninho representacional dos pais. É sobre isso que falamos em termos dos investimentos narcísicos dos pais ou, ninho representacional que acolherá o infante.

“A passagem do dois ao três, em matéria de antecipação durante a gravidez, é um fator bastante representativo da qualidade de acolhimento que os pais reservam à criança” (MISSONNIER, 2004, p.118). Diferentes pais apresentam essa antecipação de formas diversas: tanto aqueles que antecipam positivamente a chegada do filho, como aqueles que já preveem problemas com o terceiro elemento, como um perigo à homeostase conjugal.

Para Szejer (1999, p. 21), o bebê ao nascer

[...] vai obrigar sua mãe a lhe ajeitar um lugar em relação ao seu cônjuge, enquanto na família todos vão ter de se mexer para abrir espaço. Essa mexida repercute longe, pois afeta colaterais, ascendentes e descendentes. Cada qual tem de renegociar seu espaço em função do recém-chegado. O que torna essa operação às vezes árdua são os conteúdos inconscientes difíceis de mobilizar. Eles podem dar origem a sintomas de todo tipo, dos quais a criança às vezes se faz portadora para o resto da vida.

Dessa forma, procuramos mostrar que a chegada do filho comportará mudanças na família e seus membros, reorganização no sentido tanto de acolher o bebê, como a si mesmos enquanto receptores e formadores do novo.

A parentalidade parece ter origem na ancestralidade, mas a cada nascimento numa família ela “faz de novo” o rito de acolhimento e passagem. Narcisismos são evocados, o legado e as leis são conferidos e uma nova criança entra no círculo da vida social.

Ser pai, ser mãe e ser filho ou filha constrói categorias mentais como: diferença de idade e diferenças de gerações, assim como categoria de sexo e diferença de gênero: homem e mulher (SOLIS-PONTON, 2004, p. 30). É o Édipo sendo repetidamente o eixo da estrutura psíquica e cultural.

Dar um nome ao filho faz parte do acolhimento familiar ao bebê. A escolha do nome repercute investimentos dos pais e doação do legado familiar ao bebê. Ele já nasce recebendo sua herança familiar e qualquer comprometimento nessa fase, como receber um nome fruto de intensa projeção dos pais pode marcar a vida dessa criança, comprometendo-a. Ocupar o lugar de um outro sem espaço para o desenvolvimento da própria subjetividade rompe a possibilidade do vir a ser, e essa criança não terá espaço psíquico para assumir seu próprio nome.

4 – Justificativa

A família possui um lugar privilegiado na constituição subjetiva dos indivíduos, com repercussões sociais e humanas. Saber dos conteúdos projetivos maciços, do que se coloca nos filhos em função do que não foi elaborado, impossibilita a aceitação do outro diferente de si, de exercer alteridade dentro da família, e posteriormente, numa sociedade livre e pluralista.

O ato de dar nome ao filho está inserido e imerso em conteúdos psíquicos dos pais e seus ancestrais. Existem aspectos conscientes quando muitos nomes são repetidos em uma mesma genealogia, normalmente os nomes de membros familiares mais significativos, algumas vezes avô, avó, tios, tias, dentre outros, porém aspectos inconscientes também interferem nessas escolhas.

Nesse sentido, esta pesquisa busca complementar o conhecimento existente na literatura atual, com o intuito de analisar as motivações envolvidas no processo de nomeação dos filhos primogênitos, buscando compreender a transmissão psíquica que o nome próprio atribuído parece ‘sustentar’, tanto sob os conteúdos transgeracionais e inconscientes, como aqueles mais conscientes, da geração atual da família. Com relação à área de Psicologia e Psicanálise, maior compreensão tanto em relação às dinâmicas familiares e conjugais, quanto ao papel ocupado pelo filho primogênito na fantasmática materna, possibilitando o surgimento de novos saberes para a área clínica e para a teoria do desenvolvimento.

5 – Objetivos: Geral e Específicos

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as motivações conscientes e inconscientes que permeiam a escolha dos nomes próprios dados aos filhos primogênitos, pela gestante.

Como objetivos específicos, pretende-se:

A- Observar a influência do mecanismo de transmissão psíquica geracional nesse processo de escolha do nome, bem como, o lugar que esse filho irá ocupar na genealogia desta família.

B - Investigar como se deu o processo de escolha da nomeação do filho, levando-se em conta o casal, sob a perspectiva da gestante.

6 - Metodologia

A amostra foi constituída por cinco gestantes de primogênitos, de 28 a 37 anos; dessas, quatro gestantes de crianças do sexo masculino e uma do sexo feminino, sendo que a escolha do nome já havia sido realizada (vide tabela 1). A faixa etária escolhida foi determinada para a amostra constituir-se em uma população adulta e ainda, por ser este o período de maior fecundidade feminino.

Foi utilizada a metodologia clínica-qualitativa proposta por Fontanella, Campos e Turato (2006, p. 2), que afirmam que “No caso da pesquisa clínico-qualitativa, a informação que interessa ao investigador necessita ser encontrada do ponto de vista subjetivo dos indivíduos em estudo (sejam pacientes, parentes ou mesmo os profissionais de saúde).” Assim sendo, interessa ao pesquisador os significados atribuídos pelos entrevistados a respeito do tema pesquisado. Para estes autores, “As ferramentas de pesquisa mais adequadas a tais peculiaridades [de colocações em níveis mais profundos] são as entrevistas não-dirigidas em seus subgrupos, a saber: as entrevistas abertas e as entrevistas semi-dirigidas” (FONTANELLA; CAMPOS; TURATO, 2006, p. 3).

Nesse método adotado, em função da interação pesquisador/entrevistado, ocorrem “variáveis emocionais, cognitivas e comportamentais” (FONTANELLA; CAMPOS; TURATO, 2006, p. 3) que não são controladas, porém são complementares e fundamentais para a pesquisa. Tons na fala, expressões corporais, silêncios, são aspectos a serem observados e cuidados pelo entrevistador/pesquisador.

Quanto ao número da amostra, Martins e Bicudo em Turato (2008, p. 360-361, grifos do autor) “mencionam que na pesquisa qualitativa a *generalização*, de certo modo, é *abandonada*, e ela enfoca sua atenção *no específico, no peculiar, no individual*, buscando a *compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados*.” Nesse sentido, considera-se que seis sujeitos seja um número adequado para maior aprofundamento do tema.

Desta forma, o procedimento adotado foi a realização de entrevistas semi-dirigidas de acordo com o roteiro em anexo (A) apenas com a gestante, seguida pela aplicação do genograma.

O roteiro de entrevistas semi-dirigidas aborda dados sobre a gravidez, o processo de escolha do nome, expectativas em relação à criança e histórico da família de origem.

As entrevistas ocorreram nas residências das gestantes, uma numa biblioteca pública e outra no local de trabalho; tiveram a duração máxima de duas horas, e em apenas numa situação houve a necessidade de realizar mais de uma entrevista para a coleta dos dados. As mesmas foram previamente autorizadas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo B) pelo Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e gravadas para maior fidedignidade das informações colhidas.

O processo de nomeação, ou quem e como escolheu o nome do filho foi investigado em nível consciente e inconsciente no relato da gestante, no sentido de poder configurar o lugar que o bebê virá ocupar na família, possíveis alianças inconscientes, bem como a dinâmica do casal.

	Idade da Gestante	Nível escolar da Gestante	Está junto com o marido há	Tempo de Gestação	Sexo da criança	Filhos anteriores do marido
Ge 1	37 anos	Superior	13 anos/ casada há 3 anos	20 semanas	masculino	2
Ge 2	28 anos	Superior	8 anos/ casada há 3 anos	27 semanas	feminino	0
Ge 3	37 anos	Superior	8 anos e meio/casada há 2 anos	28 semanas	masculino	2
Ge 4	31 anos	secundário/ técnico	19 meses/ teve 6 meses de namoro	28 semanas	masculino	0
Ge 5	34 anos	Superior	10 anos / casada há 3 anos e meio	36 semanas	masculino	0

Tabela 1 – Dados das Gestantes

6.1 - Sobre o Genograma Psicanalítico

O genograma é um instrumento de obtenção de dados utilizado em diversas áreas da saúde, como enfermagem, medicina e psicologia. É de fácil e rápida execução e obtêm-se uma visão clara da dinâmica de uma família.

Podemos realizar genogramas culturais, com dados de etnia, raça, religião, espiritualidade e migração, genogramas do status socioeconômico, dentre outros.

“O desenho do genograma é, em minha abordagem de terapia familiar psicanalítica, já acolhido como uma projeção inconsciente da imagem inconsciente do corpo familiar, ao qual chamo o corpo psíquico genealógico”⁶ (BENGHOZI, 2006, p.7).

[...] “a árvore genealógica familiar figurada pelo genograma [...] Estas modelizações dão acesso a uma figuração da transmissão psíquica”⁷ (BENGHOZI, 2006, p. 10).

Para Tuzatto (2004, p. 28), “Ao desenhar o seu genograma familiar, o sujeito, o casal ou o grupo familiar confronta-se com um esquema gráfico que revive a genealogia das famílias de origem”.

Solicitamos a cada gestante a realização do genograma tanto de sua família em três gerações como do pai da criança, até o cruzamento de ambas as famílias com a gestação do bebê. Nenhuma gestante disse não saber realizar uma árvore genealógica, com isso, não houve necessidade de explicação.

A análise do genograma foi psicanalítica, onde os comentários feitos durante a realização eram tomados como associação livre. Além disso, troca de nomes, erros dos traços, foram vistos como atos falhos. Juntamente com a entrevista, o genograma nos ofereceu dados inconscientes das gestantes a respeito de suas histórias geracionais, bem como do lugar do bebê no legado geracional.

⁶ Le dessin du génogramme est, dans mon approche en thérapie familiale psychanalytique, déjà accueilli comme une projection inconsciente de l'image inconsciente du corps familial, que j'appelle Le corps psychique généalogique. (Tradução livre da autora).

⁷ “[...]l'arbre généalogique familial figuré par le génogramme... Ces modélisations donnent accès à une figuration de la transmission psychique. (Tradução livre da autora).

7 – Análise dos Resultados e Discussão

A análise dos resultados baseou-se nos dados obtidos nas entrevistas e no genograma psicanalítico organizada em cinco categorias, interpretadas para cada gestante em separado e posteriormente em conjunto, tendo o referencial psicanalítico como eixo teórico.

Abaixo são apresentadas as cinco categorias:

1. Aspectos transferenciais e contratransferências: observações e percepções da pesquisadora durante a entrevista.
2. O genograma psicanalítico: aspectos conscientes e inconscientes contidos no desenho do genograma.
3. Bebê imaginário - para essa categoria utilizamos a definição de Lebovici a respeito dos bebês existentes na mente da mãe (Lebovici, 1995⁸ apud FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007, p. 308).

[...] haveria três bebês na mente materna. Um bebê edípico, resultante da própria história edípica infantil da mãe, o qual é considerado o mais inconsciente de todos e acompanhado dos desejos infantis dessa mulher. Esse seria o bebê da fantasia, o desejo de ter tido um filho com seu pai que foi reprimido quando da dissolução do complexo de Édipo. O outro bebê, segundo o autor, seria o bebê imaginário, construído durante a gestação, o bebê dos sonhos diurnos e das expectativas, o produto do desejo de maternidade. Por fim, o terceiro seria o bebê propriamente dito, aquele que a mulher segurará nos braços no dia do nascimento.

4. Processo de nomeação – nos baseamos em Rabinovich et, al. (2008, p. 418) que concluíram por uma dinâmica dupla relacionada ao processo de nomeação denominadas respectivamente de contexto e conteúdo. “O contexto se refere à dinâmica interna ao casal parental no momento da escolha do nome do filho. O conteúdo implica os significados projetados no nome escolhido”.

5. Lugar que a criança irá ocupar na família – levando-se em conta as noções de intersubjetividade e transmissão psíquica, analisar-se-á o lugar subjetivo do (a) filho (a) que irá nascer, sob a perspectiva da gestante. Trata-se de uma categoria que vai analisar os dados obtidos nas entrevistas e nos genogramas de uma forma inconsciente. As gestantes não

⁸ Lebovici, S. Creativity and infant's competence. *Infant Mental Health Journal*, 16, Wiley Online Library, 1995, p. 10-15.

relatam esse lugar subjetivo do (a) filho (a) que irá nascer de uma maneira objetiva, racional ou consciente.

Importante novamente destacar que a entrevista e o genograma foram feitos apenas pelas gestantes; dados que se referem ao casal serão considerados sempre pelo viés do relato delas.

7.1 - Relato da Entrevista com a Gestante 1 (Ge1)

A gestante (Ge1) tem 37 anos e está grávida há cinco meses de um menino, ou seja, de 20 semanas. Seu marido tem 39 anos e já possui dois filhos de 17 e 21 anos. Há 13 anos relaciona-se com o pai do bebê, com uma história de separação por três anos e retorno também há três anos.

Possui nível universitário, tendo já realizado o curso superior de Química e atualmente estuda História. Aos 19 anos fez um curso de Teatro e chegou a atuar. Diante da dificuldade financeira de se manter nessa área, foi realizar sua primeira faculdade com intenção de paralelamente exercer outra profissão. Atualmente trabalha no setor público com uma atividade próxima à sua nova faculdade.

Seus interesses são destacadamente culturais, envolvendo arte, música e teatro. Assume uma postura crítica social, tendo como valores o engajamento político, a valorização da cultura brasileira e suas raízes.

Sua irmã sete anos mais nova também está grávida de três meses, e estava tentando engravidar há dois anos. Quando a gestante percebeu a dificuldade da irmã em engravidar, parou de tomar pílula e acabou engravidando antes daquela. Sua irmã também realizou um curso de teatro amador, não quis seguir profissionalmente e acabou estudando Administração. A gestante disse: *“Acho que ela fala que ela me tem muito como fã, assim, como fã, não, como ídola, é minha fã”*. Sua irmã parece ter uma vida mais estável financeiramente, o que talvez coloque a gestante nessa dúvida de quem é fã de quem.

Os nomes das duas irmãs foram escolhidos pelo pai, sendo que os dois nomes iniciam com a mesma sílaba e têm uma vogal que os torna diferentes. Parece que ele, ao mudar as vogais, pretendia torná-los diferentes do comum. Ge1 fala que sempre foi a única e que só há

uns 10 anos veio conhecer outra pessoa com um nome igual ao seu. Sua mãe escolheu os segundos nomes da gestante e da sua irmã.

7.1.1 – Análise da entrevista e do genograma da Gestante Ge1

1- Categoria: Aspectos transferenciais e contratransferências: observações e percepções da pesquisadora durante a entrevista.

Encontrei-me com a gestante numa biblioteca pública. Ela já conhecia o local e sabia onde poderíamos fazer a entrevista; isto é, um espaço onde poderíamos conversar com discrição, silencioso, porém impessoal e com pouca intimidade, já que não nos conhecíamos e o local era público, contudo adequado à entrevista.

Primeiramente me apresentei e depois li em voz alta o Termo de Consentimento. Ela concordou e assinou. Depois pedi licença para ligar o gravador e começarmos a entrevista.

A entrevista durou cerca de duas horas. Todos os temas foram abordados e com o decorrer da mesma, vários pontos eram percebidos como inter-relacionados.

Ela falou muito de suas relações familiares e também das relações do marido com sua família nuclear.

Percebemos que até a escolha pela biblioteca estava implicada no tipo de vida da entrevistadora. Sua consciência crítica da realidade, valorização das raízes brasileiras e sua postura social foram destacadas e a entrevistadora percebeu que ocorreu empatia entre ambas nesse sentido. Não podemos negligenciar que esse local também pode dar à entrevista um aspecto racional, defensivo.

2 - Categoria: O Genograma psicanalítico: aspectos conscientes e inconscientes contidos no desenho do genograma

A gestante fez em primeiro lugar uma árvore, utilizando-se da folha na vertical, e depois foi desenhando pessoas dentro, soltas. Apenas registra aproximação entre si mesma e o marido, ao desenhar suas mãos sendo dadas, e do marido com um filho mais próximo, provavelmente o filho caçula que mora com eles.

Ela começa desenhando pelo lado esquerdo da folha, a si mesma grávida, seu marido e os dois filhos dele. Depois sua irmã também grávida com o marido, depois seu pai, sua mãe e suas duas avós. Diz que uma avó estava sem roupa e sem nariz, corrige o desenho. Do lado esquerdo ela colocou ‘três pontinhos’ significando a continuidade dos tios e primos (abaixo da sua irmã grávida).

Depois desenhou no lado direito a sua sogra, o cunhado mais velho com sua atual esposa, as outras duas cunhadas e o cunhado menor. (Ao falar das cunhadas e do cunhado menor, ela fala seus nomes). Também colocou ‘três pontinhos’ que seria a continuidade dos netos da sua sogra. Também se refere à sogra pelo nome. Desenha três meninos pequenos e diz: “*Seriam todos os netos dela [...] contando com o (seu filho) serão 20 netos que ela tem!*”

Não desenhou seu sogro e não fez comentários sobre isso.

Observa-se que há noção da diferença de gerações na família da gestante, por ela desenhar uns abaixo de outros, diferentemente da família do seu marido. Nesta última, o irmão mais velho e esposa estão ao lado da sua sogra. Provavelmente, com a ausência do sogro, esse filho mais velho veio ocupar o lugar do seu pai. No desenho do genograma da família, ficam evidentes conflitos já percebidos na entrevista. Sendo eles: o conflito fraterno com sentimentos de competição (o desenho de si própria como grávida é mais bem detalhado do que sua irmã também grávida); a oposição ao cunhado mais velho (não cita seu nome ao falar do seu genograma, diferentemente dos outros cunhados e sua sogra); o desejo que seu filho se destaque na família do marido, com relação aos primeiros filhos de seu marido (diz que o seu será o vigésimo neto, como sendo especial).

3 – Categoria : Bebê imaginário

Sobre ter engravidado de um menino, disse: “*Então, para mim vai ser uma experiência nova, né, como é que eu lido com o menino?*”. Entretanto disse que na sua infância conviveu muito com seus primos, sendo “*[...] que as brincadeiras foram o carrinho rolemã, empinar pipa, subir em árvore*”. “*Eu tinha as bonecas, tudo, e eu nunca gostei muito de brincar de boneca [...]*”

Ela vem de uma família onde teve apenas uma irmã. Ao engravidar, tanto ela como seu pai tiveram a expectativa pelo nascimento de mais uma menina.

Ela disse: “*Sempre tive ideia de ter uma menina; queria ser mãe de menina*”. Ela já tem o nome escolhido para uma filha, seria B. E sobre seu pai, disse: “*Meu pai queria muito uma menina; ele gostou de ser pai de meninas*”.

Pareceu-nos que há entre ela e o pai uma relação muito importante, e o desejo de ambos por uma filha poderia implicar inconscientemente num desejo incestuoso. Continuar a descendência com uma filha é ela poder dar ao pai mais uma filha primogênita.

4 - Categoria: Processo de nomeação

O processo de nomeação do filho foi difícil para a gestante, talvez indicando certa decepção por saber que estava grávida de um filho.

No caso dos dois primeiros filhos do seu marido, foi seu irmão mais velho quem o ajudou nas escolhas dos nomes dos seus filhos e dos filhos de outro irmão, sempre privilegiando nomes ‘estrangeiros’. Observa-se que a gestante opõe-se a esse cunhado indiretamente, quando disse que quer um nome brasileiro para seu filho, criticando esse tipo de escolha.

A nomeação do bebê passa pelos valores sociais da gestante, já dito anteriormente, e por associação ao nome de um cantor popular que também assume esta postura; além de ter ‘brasilidade’, ser simples e sonoro para a mãe. Seu nome será C.

Ao me responder sobre como foi o processo de nomeação ela disse: “*Já escolhemos o nome*”. E acrescenta: “*É da nossa relação, eu vou sugerindo e ele confirma ou não*”.

Parece que sempre é ela quem busca as possibilidades, ou as oferece ao seu marido, para ele decidir por uma delas. De certa forma, ***ela propõe as escolhas*** que lhe agradam e ele ***decide por uma delas***. Na verdade, parece que ela engaja-se mais, reflete e pensa mais nas suas escolhas, e ele tem um papel mais restrito. De certa forma, parece que seu marido fica numa posição mais passiva em termo de escolhas.

5 – Categoria: Lugar que a criança ocupará na família

Já consideramos que a gestante possui uma relação especial com seu pai e narcisicamente, parece querer colocar seu filho nesse mesmo lugar. Ela disse ao pai: “*Talvez (é) ele que vai com você para o quatinho do Dr. Pardal [...]*”. Sabemos que foi nesse

quartinho do pai que ela cresceu aprendendo e valorizando a cultura brasileira e suas raízes. Ela, agora, dá seu filho ao pai para ele lhe ensinar tudo que ensinou à filha.

Sua irmã também está grávida e só terá o filho depois de nossa gestante. Quando lhe pergunto como vai ser terem os dois netos, ela responde: “*Vai ter um para cada*”, referindo-se à mãe e ao seu pai. Nesse sentido, parece de novo que seu filho vai manter sua relação especial com seu pai, e sua irmã com sua mãe. Continuará havendo uma divisão afetiva na família, agora nas figuras dos netos.

Na verdade percebe-se aí também a rivalidade fraterna da gestante. A gestante me diz: “*E o meu é o primeiro neto da família*”, referindo-se à sua família.

E disse que na família do seu marido, será o vigésimo. Numero redondo. Será seu bebê, sua majestade.

7.2- Relato da Entrevista com a Gestante (Ge2)

A gestante Ge 2 está grávida há 27 semanas de uma menina.

Ela tem 28 anos e está com o pai do bebê há oito anos, sendo dois anos de namoro, dois morando juntos e dois, casados. A diferença entre suas idades é de onze anos; seu marido fará quarenta anos em breve. Ele possui uma irmã caçula da idade da esposa.

Quando a gestante tinha doze anos e seu irmão dez, seus pais se separaram de maneira litigiosa e os filhos ficaram com o pai. Houve inicialmente a traição da mãe com um amigo do casal e posteriormente uma aparente ‘troca de casais’, pois seu pai mais tarde veio também a se casar com a esposa daquele.

Seu pai que tinha dois empregos, sendo um relacionado com ‘as leis’; era ausente e quando eu perguntei à gestante se depois que ficou com os filhos ele havia se tornado presente, ela diz que não, que continuou ausente. Ela e seu irmão mais novo foram criados na casa dos avós paternos. Mais tarde o pai foi morar com os filhos numa casa próxima aos avós e acabou depois indo morar com a nova esposa em outra casa. Nesse momento moraram juntos apenas a gestante e seu irmão, ela com dezesseis anos.

A gestante e seu irmão tentaram seguir a profissão do pai, relacionada às leis, mas a gestante teve que desistir da faculdade por dificuldades financeiras. Seu irmão atua na área e

seu marido também. Atualmente ela faz nova faculdade e pretende utilizar seu conhecimento ‘das leis’ como complemento técnico ao novo curso.

Vê-se a separação dos pais como traumática e desde cedo a gestante e irmão tiveram que lidar com a agressividade do pai frente à traição da mãe e a escolha amorosa da sua mãe por outro homem, vivida como traição. Aprenderam cedo sobre escolhas e suas consequências, quando ainda eram crianças. O desamparo desses filhos foi apaziguado com os cuidados e amor dos avós paternos. Ela diz: *“Eu e meu irmão somos diferentes, a gente aceita (a distancia de sua mãe, por ex.). Tá feliz? Pró gente é o que importa!”*

O pai do bebê também possui uma história onde a avó materna ocupou o lugar de quem o cuidou. A gestante disse que essa avó ficava acordada até o neto voltar para casa.

Casam-se essas histórias e ambos escolhem o nome do bebê com a junção dos nomes das avós de cada. *“Deu muito certo, combinou direitinho!”* O nome será A. C..

Sobre a família do marido, quase não obtenho dados. Eu solicito de início, mas acabo esquecendo e ela também não fala nesse assunto. Parece haver alguma dificuldade ou conflito não explícito a esse respeito. O que ela disse a respeito do seu sogro, que é uma ‘figura apagada na família’ é o único dado obtido.

Parece haver um pacto denegativo que une esse casal; o abandono parental em ambos os cônjuges, embora não tenhamos a história da família do marido.

7.2.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 2 (Ge 2)

1- Categoria: Aspectos transferenciais e contratransferências: observações e percepções da pesquisadora durante a entrevista.

A gestante Ge2 me recebeu em sua casa. Primeiramente me apresentei e depois li em voz alta o Termo de Consentimento. Ela concordou e assinou. Depois pedi licença para ligar o gravador e começarmos a entrevista. A entrevista transcorreu na mesa de jantar da sala. Ali me pareceu um lugar neutro, onde sentamos frente a frente, sem muito envolvimento, embora ela tenha aberto sua casa.

Ge2 me pareceu uma pessoa muito segura de si e muito prática. Aos poucos foi me contando sua história e chegou o momento em que me disse: *“[...] terei que contar a história*

toda, senão você não vai entender.” Disse-lhe que se não quisesse, não contasse sua história, ou na verdade, a história dos seus pais. Percebi que se tratava de algo muito sério. Ela disse que não havia problema e começou a contar a história de traição de sua mãe. Pareceu-me que havia uma defesa emocional importante na gestante, pela sua forma de me relatar o fato. Ela falava sem muita emoção, pausadamente, para que eu a acompanhasse. Parecia falar algo muito antigo, já muito distante dela.

A entrevista e o genograma foram feitos rapidamente, talvez de novo defensivamente por se tratar de assunto delicado.

2- Categoria: O Genograma psicanalítico: aspectos conscientes e inconscientes contidos no desenho do genograma

O aspecto mais surpreendente da realização do genograma foi a sua rapidez. A gestante colocou os nomes das pessoas, todas dentro de retângulos e usou a parte superior do papel. Outro fator de destaque foi a gestante colocar inicialmente os seus pais como irmãos. Depois apagou e corrigiu.

Seu sogro é citado pelo primeiro nome, ‘Zé’, e os genitores dele estão em quadrados vazios; ela diz desconhecer os nomes e essas pessoas. No lado materno do marido houve a colocação dos nomes. Ela disse que o pai do seu marido é uma figura apagada na família.

Seu marido é chamado de Junior.

‘Zé’ e ‘Junior’ parecem nomes comuns, sem personalidades.

Ao colocar os nomes das irmãs do seu marido no genograma, ela diz: *“Ah! A irmã dele também se chama A., eu não havia percebido antes”!* (A. é o nome da avó). Essa irmã é a que tem a idade da gestante, sendo 11 anos mais nova que o irmão.

A rapidez na execução parece evidenciar uma tentativa de logo realizar algo difícil e traumático. Parece que a gestante ‘apaga’ seus pais dos papéis de pais (colocando-os inicialmente como irmãos) e os substitui pelos avós. Tratam-se então de muitos irmãos, filhos dos avós e não de pais. Uma geração é apagada e a sexualidade dos seus pais também é negada, talvez em função do trauma vivido pela traição e separação dos pais.

3 – Categoria: Bebê imaginário

Ge2 está grávida de uma menina. Observamos que a gestante mostrou-se infantilizada ao falar da sua filha, quando disse: “*Vou ganhar uma bonequinha de presente! Ela tem que ser a mais linda do mundo!*”. A gestante em questão se mostra com atitudes regredidas, o que é comum nessa etapa vivencial; mas pelo conteúdo de sua fala, mostra-se mais envolvida com um presente que irá receber (talvez como uma filha recebendo do pai) do que uma esposa que dará uma filha ao marido.

Não havia um bebê, ou sexo de um bebê que ela sonhava em ter anteriormente; mas quando soube que era uma menina gostou muito em função do nome que colocariam (será discutido na próxima categoria). Se fosse um menino, eles não tinham ainda nome para dar.

Em termos psíquicos, parece que esse bebê que terá um nome em homenagem às duas avós dos pais, está mais ligado aos bisavós do que aos seus avós. Como já dissemos, há aparentemente, uma negação da geração anterior, em virtude da história da traição da mãe na família e que deve ter sido bastante traumático para ela. Parece-me que seus pais se tornaram para ela como seus irmãos, e os seus avós, sim, os pais reais da família.

Como há na família da gestante algo muito forte relacionado ‘às leis, às ordens’ que seu pai representa por exercer profissionalmente, que ela tentou estudar e não pôde, que seu irmão seguiu, e seu marido também, a traição da mãe e posterior separação litigiosa foram desagregadoras a ponto, talvez, de inconscientemente, ela negar seus pais como um casal. Entretanto, supô-los irmãos é incestuoso, e talvez dessa forma ela represente ‘algo de errado’ que ocorreu entre seus pais.

Há também algo de incestuoso por seu marido possuir a mesma profissão do seu pai e este, por sua vez, também parece ter algo de incestuoso com sua irmã menor, vindo a casar-se com alguém da mesma idade dela e ter o mesmo nome da avó homenageada.

4 - Categoria: Processo de nomeação

A gestante Ge2 nos disse que o nome da filha foi decidido há uns cinco anos pelo casal. A avó paterna da gestante daria o primeiro nome e a avó materna do pai da criança, o segundo. A gestante disse: “*É muito difícil combinar dois nomes assim, tão fácil!*”. Completa: “*E ambos fomos criados praticamente pelas avós!*”.

O casal já havia pensado em dar esse nome duplo à criança na época do namoro. Mas, na verdade, foi a gestante que contou à avó do marido que eles tinham essa intenção duas semanas antes dela falecer. “*E aí a gente ficou com o nome e falamos em não alterar!*”. Se o

casal não viesse a ficar junto, combinou-se que ele manteria o nome para uma filha, e ela abdicaria por ele já ter perdido a avó. A avó paterna da gestante ainda está viva, porém com Doença de Alzheimer.

Sabemos pela entrevista que a gestante foi criada pelos avós paternos, porém no caso do marido, seus pais moram juntos até hoje. Ela disse que a avó materna do marido foi durante um tempo morar na casa do marido e ele era muito apegado a ela, e ela a ele. “*Ela ficava acordada até ele chegar em casa, como uma mãe mesmo [...]*”

Com a nomeação, além de quererem homenagear as avós, e isso ser o desejo de ambos, parece que também esse desejo os remete às suas infâncias, ainda quando eram cuidados pelas avós e talvez estejam fixados nesse lugar infantil. Ela disse: “*Avó é muito mais que mãe!*” Para a gestante que teve a separação judicial dos pais e foi criada pelos avós paternos, esse aspecto infantil é mais claro, como também a questão da fixação nessa fase de sua vida em termos traumáticos. Talvez ela também tenha se sentido traída por seu pai e tenha assumido um marido/menino ainda apegado à sua avó, no sentido de ambos continuarem fixados nas suas infâncias. Duas crianças que ganham um bebê de presente!

5 – Categoria: Lugar que a criança ocupará na família

Como dissemos acima, a nomeação da criança é uma homenagem dos pais às suas avós, por sentirem que ambos foram criados por elas. O nome do bebê é duplo e não coube no retângulo que ela fez no genograma. De alguma forma, a mãe percebe que o que está sendo colocado para o seu bebê, seu lugar na família, seja muita coisa para esse bebê ‘sustentar’. Há uma fantasmática de abandonos nesses dois nomes.

O lugar que essa criança ocupará na família talvez esteja relacionado com o que já colocamos nas outras categorias, em termos de uma tentativa de reparação ao sofrimento vivido pela gestante na separação judicial dos pais. Essa criança, menina como ela, poderá ser amparada e amada como a gestante provavelmente sentiu-se pela avó. Quando a gestante me disse que sua mãe está “*com quem ela escolheu ficar*”, uma não elaboração desse sentimento de abandono chamou minha atenção. Algo inconsciente, porém falado por ela como lhe foi possível.

7.3 - Relato da Entrevista com a Gestante Ge3

A gestante (Ge3) tem 37 anos e está grávida de 28 semanas de um menino. Ela e seu marido são pessoas ligadas às artes. Estão juntos há oito anos e meio e já haviam tentado ter filhos, mas ela sofria de abortos seguidos. Depois de importante pesquisa médica, descobriram seu problema e nessa gestação teve que tomar injeções diárias.

A gestante vem de uma família tradicional, onde, do lado paterno, teve tios e tias, todos, com nomes de José ou Maria, por serem católicos. Uma de suas tias é freira. Do lado materno também veio de uma família tradicional, ligada à terra. Todos os filhos são frutos de casamentos.

É a segunda filha de três, de um casal com formação em humanas; seus pais são sociólogos. Já morou no exterior e fez psicanálise por dois anos com frequência de cinco vezes por semana.

Ela acha que sua mãe gosta mais dela do que das outras filhas.

Seus pais se separaram quando ela tinha 25 anos, há 12 anos, e ela diz que a casa ficou melhor sem seu pai, no sentido de que a partir daí a casa começou a ser muito frequentada por amigos.

“A ausência dele era uma alegria”.

Mantém contato com o pai e passa uma imagem dele como mais amoroso e protetor, em relação à sua mãe.

Ela considera sua mãe, uma mãe ‘não tradicional’, isto é, “[...] não fica atrás das filhas para ver se fizeram lição, não é controladora.” Parece se tratar de uma mãe fora dos padrões tradicionais, e de certa forma, distante emocionalmente.

“Ela não é nada romântica por causa da (profissão), da política forte [...] vê a vida como um acaso”.

Quando sua mãe percebeu que ela precisava de cuidados, resolveu assumir financeiramente sua análise. Disse:

“Você tem que se cuidar!”

O que ocorreu foi que um dia a gestante chegou em casa de manhã, machucada, com o carro batido e não se lembrava de nada. Depois deduziu que lhe deram “Boa noite Cinderela” (uma mistura de álcool e drogas).

Sobre a primeira família do marido da gestante em que ele tem um filho, ela disse:

“A gente não convive, a mãe bloqueou o nosso convívio”.

Sobre seu casamento ela disse: *“Relação de amor.” “Sempre, sempre, desde o começo, eu percebi: esse é um parceiro! Eu posso contar com ele”.*

Fizeram uma celebração do casamento na casa da mãe da gestante em 2010.

A família do marido é muito diferente da família da gestante, sendo de origem simples, *“de nível cultural muito baixo”*, com vínculos frágeis e desorganizados. Considera seu marido muito diferente da família dele, por ter feito boas faculdades e ter tido sucesso na profissão. Seu sogro faleceu quando o marido era criança e sua sogra sustentou a todos sozinha. Casou-se novamente e veio a falecer há dois anos. A sogra inicialmente casou-se já tendo uma filha de um relacionamento anterior e depois teve mais dois filhos desse casamento, sendo um deles o marido da gestante. Essa primeira filha teve uma filha sem um relacionamento estável, e essa filha também vem a ter cinco filhas de relacionamentos diferentes. Nessa família há problema de alcoolismo, inclusive do marido da gestante, aliado à adição de drogas, estando ele atualmente em abstinência. Ele também realizou psicanálise por um tempo, por sugestão dela.

“Eu tenho plena consciência que se eu não tivesse passado em análise por dois anos, diariamente, esse casamento não teria sobrevivido. Muita paciência [...]”

A gestante também já foi usuária de drogas no passado, mas de uma forma mais branda do que o marido.

Houve uma briga séria entre as duas irmãs (a gestante e sua irmã mais nova) e para interromper o distanciamento, a gestante a chamou para madrinha do seu filho.

A gestante acha que sua mãe sempre quis ter um ‘filho homem’ e não sabe como ela se sente hoje com apenas três ‘filhas mulheres.’ Já a gestante sempre desejou uma filha e possui um nome certo para ela.

A gestante é uma pessoa sensível e questionadora dos seus comportamentos e significados, fruto de sua análise intensiva. Às vezes fala de situações bastante graves sorrindo muito, como algo inexorável, da vida, entretanto, de alguma forma, parece querer minimizar a gravidade do fato.

Fala do seu relacionamento sabendo dos seus problemas e dificuldades, mas o refere como uma relação de amor. Parece ter encontrado um parceiro e alguém que pode contar e assim o considera.

O marido tem um filho de uma relação anterior e durante o genograma a gestante disse que parece que ele também tem uma filha, mas suspeita que isso não seja verdade.

7.3.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 3 (Ge3)

1- Categoria: Aspectos transferenciais e contratransferências: observações e percepções da pesquisadora durante a entrevista.

Fui recebida na residência da gestante Ge3 e ela estava com sua barriga exposta. Disse-lhe: “*Que barriga linda!*”; ela realmente quis me mostrar sua barriga.

No início, ao falar de como está sendo difícil sua gestação, por causa das injeções diárias, quase se emocionou e chorou. Mas depois, no decorrer da entrevista, só sorriu muito e mostrou-se feliz. Sua barriga poderia ser vista como uma conquista, um troféu a ser mostrado após tantos abortos.

Apresentei-me e li o Termo de Consentimento. Ela concordou e assinou, mostrando-se surpresa pelo conteúdo do Termo. Disse que não sabia dessas exigências para uma pesquisa de mestrado. Depois pedi licença para ligar o gravador e começarmos a entrevista.

Por ser atriz, talvez, ela é uma pessoa muito carismática, extremamente simpática. Fala um pouco alto, e dá gargalhadas, às vezes. Tudo sempre com muita intensidade.

Em termos contratransferenciais, houve um ambiente mais sedutor, ou, ela me encantava com sua história e pormenores. Em alguns momentos era difícil distanciar-me dela e pensar na condução da entrevista. Eu fiquei bastante envolvida! No final da mesma, esqueci-me de pedir o genograma. Precisei voltar à sua casa para a realização do genograma depois de uns dias.

Tanto a gestante como o marido são atores.

Seu marido estava pela casa e, num momento do genograma ela lhe diz: “*Fulano, na nossa relação eu pus um coração, nas das minhas irmãs, não*”. E sorriu muito.

Com todos os problemas que relatou na entrevista com relação ao seu marido, sempre deixava claro o quanto o ama e o considera como um parceiro que pode contar sempre. Daí, embora esses problemas fossem minimizados, me parecia que ela percebia as vicissitudes de uma relação de amor.

O fato de ela ter feito psicanálise também nos aproximou, transferencialmente falando.

Penso que essa gestante, mais do que as outras, relatava muitas coisas com certa ‘transparência psíquica’; indo além no que poderia ter ocultado. Não sei se ela é assim

sempre, ou se é por estar grávida, ou mesmo por ter feito análise e se sentido à vontade comigo. Ela, parece, considerou-me mais como psicanalista do que como pesquisadora.

No final da entrevista, fez questão de me mostrar sua casa, bem moderna, e o quartinho do bebê. Acho que com isso ela quis demonstrar para a pesquisadora/ psicanalista, que ela e o marido construíram um lar para o bebê, e como são capazes disso.

2- Categoria: O Genograma psicanalítico: aspectos conscientes e inconscientes contidos no desenho do genograma

Ao fazer o genograma, mostrou-se muito regredida, escrevendo e denominando os familiares como “*vovô, papai, mamãe*”. Disse que colocaria do modo como os chama.

A gestante começou fazendo os tios paternos, porém o marido a interrompeu por que ia sair, ela disse que ficou perdida e refaz o genograma na parte detrás da mesma folha. Recomeça pelos tios paternos por ordem de nascimento.

Aspectos conflitivos ficaram mais evidentes na execução do desenho.

Parece existir para a gestante uma questão delicada entre dinheiro e afeto. Sua irmã mais velha é bem sucedida, porém não tem bom relacionamento com sua mãe. Ela, a gestante, tem menos condições financeiras, mas tem sempre a atenção e proteção da mãe.

Há uma necessidade de romper ou negar a posse do dinheiro, a boa origem, a família tradicional, para ter certeza do amor do outro. Ou, romper com a tradição da sua família para ser reconhecida individualmente.

No genograma, embora a gestante coloque apenas os nomes das pessoas, o do seu pai foi colocado com sobrenome. A família da sua mãe também é tradicional, mas de alguma forma, é considerada diferentemente. Deve-se destacar que a gestante tem o sobrenome do pai e da mãe. Talvez seja essa tradição paterna que ela precise romper para sentir-se única e diferente ou, a ele, ela já se sinta ligada e sente que pode se separar. Com a mãe, não tão amorosa, ela talvez precise estabelecer outro tipo de vínculo mais dependente e regredido.

Num primeiro momento ela escreveu o nome do filho primogênito do seu marido com as duas letras idênticas às do filho atual (as duas primeiras letras do nome) e rasurou, questionou-se se era escrito dessa forma mesmo e acabou alterando uma letra e introduzindo uma nova.

A família do marido foi desenhada de forma invertida, isto é, filhos acima dos pais, como se não houvesse hierarquia. Talvez a desordem que ocorre na família do marido seja tal, que a gestante faça essa inversão inconscientemente.

O último a ser colocado no genograma é um primo da gestante. Ela falou desse primo como alguém solitário, nunca teve ninguém, meio 'esquisito'. Disse que se ele transou até hoje, deve ter sido por seu 'pai tê-lo levado à zona.' Ela sugeriu que ele seja esquizofrênico.

Durante a execução do genograma, seu avô paterno e sua sobrinha (sua afilhada) foram citados como 'loucos'. Na hora me pareceu que 'serem loucos' era no sentido de serem especiais, diferentes, por isso não a questioneei.

Interessante pensarmos que após um genograma tão extenso, obsessivo até, que falava de famílias tradicionais (dela), de outra (dele) tão desorganizada, por último surge um rapaz esquizofrênico. A mãe da gestante tem três filhas mulheres; sua irmã (tia da gestante) tem dois filhos, uma menina estudando no exterior e esse filho. Não sabemos o que houve com ele, mas uma cisão ocorreu psicicamente no interior dessa família. Algo que diz respeito à tradição familiar, ao dinheiro e aos afetos.

3 – Categoria : Bebê imaginário

A gestante sempre sonhou com uma filha; tinha nome para ela, e esse nome está na sua senha, no seu computador. O nome seria de uma personagem de uma história.

O que será que essa personagem tem a ver com a gestante? Parece algo de um conflito com os padrões sociais, burgueses, de famílias tradicionais, como a que ela faz parte. Há algo contra seu legado geracional. Ela disse que nas férias ela ia para a Bahia e fazia muitas coisas para sobreviver, tais como: foi manicure, pedicure, fazia depilação, vendia bolsas fabricadas por ela, dentre outras coisas. Tudo como se ela se despisse de todas as suas origens e tradições. No entanto, no meio da entrevista, me disse: “*Eu namorava o fulano, da família tal*”. Nesse momento, surge uma pessoa com valores tradicionais, ou que valoriza o fulano ser dessa ou daquela família. Essa contradição foi percebida pela pesquisadora.

A gestante tem duas irmãs apenas, sendo a do meio. Sente-se a menos bonita, porém a com maior aproximação com sua mãe. Disse que quando nasceu sua mãe parou de trabalhar, por de alguma forma perceber que ela precisava de sua presença. Ela fez ludoterapia antes mesmo de falar (sic). Algo nela era diferente, suas necessidades, talvez. E com isso, pode ser

que ela tenha se sentido excluída da família, embora sempre tenha obtido o lugar de superproteção da mãe.

4 - Categoria: Processo de nomeação

A gestante disse que ficou escolhendo alguns nomes de filhos de amigos, até escolher um e falar para seu marido. Disse que gostou do nome e do seu significado. Ele aprova, também gostou do nome. O nome será I. Novamente, parece ser como a gestante Ge1 que escolhe os nomes, apresenta ao marido e ele decide se sim ou não; embora aqui pareça ser mais a decisão da própria gestante. De alguma forma, parece ser ela quem decide no casal. Quando reviu seu marido numa sessão de Santo Daime, pois já o conhecia, e ele expos a todos a sua história de extradição dos EUA, de prisão naquele país, ela pensou: “*Vou me casar com esse homem. Ele sempre foi um grande ator, muito bom!*” E foi decidindo as coisas: fala para ele ir se deitar com ela, vêm juntos para São Paulo e num almoço de família já o apresenta como namorado e pede para ele contar sua história para todos. Logo chegaram as férias e ela foi para Bahia, e ele, uns dias depois, foi ficar com ela. Estão juntos desde então.

Já nessa primeira viagem defrontou-se com um lado sombrio do marido: seu problema com a bebida alcoólica. Percebeu e pensou, “[...] *quando chegarmos em São Paulo, me separo dele*”. Depois uma e outra situação, e ela volta a pensar que depois se separaria dele. E ficou até hoje e disse: “*Se não fosse a análise intensa, eu não teria resistido [...] muita paciência [...]*”

Ela disse que seu analista falava muito nessa possibilidade de viver um grande amor de verdade. E assim ela o vive.

Ela aceita seu marido no momento em que ele se mostrava no máximo da exclusão social!

Parece-nos que ela identifica-se com alguém que não tem nada a oferecer ou perder. A história do seu marido também se associa a de alguém marginal ou ‘expulso’ da cultura.

Ela, então, pode identificar-se com a exclusão dele; ser ‘diferente’ dos seus talvez a remeta a um sentimento de exclusão familiar.

E ambos parecem identificar-se a andarilhos excluídos socialmente, e ela parece buscar no companheiro, abrigo e solidariedade. Importante aqui destacarmos que seus pais são sociólogos, ou, pessoas com grande cultura e que estudam sociedades, ou pessoas dentro das sociedades.

Como ele também é ator, ambos, dessa forma, podem viver ‘outras vidas’, desempenhar o papel de qualquer outra pessoa. Nisso também parece haver identificação dela por ele. Fantasiar ser muitos e distanciar-se da própria origem. Poderíamos, então, pensando na conjugalidade desse casal, relacionar com um pacto denegativo cuja função fosse negar essas origens.

5 – Categoria: Lugar que a criança ocupará na família

O nome que será dado ao filho dessa gestante é quase igual ao do filho anterior de seu marido, apenas três letras são diferentes. Ela, no genograma, fala de um filho anterior de seu cunhado, casado com sua irmã, de uma forma claramente como alguém a mais, difícil e que a incomoda bastante. Indiretamente falava do primeiro filho do seu marido. Esse, ela tem dúvidas que seja filho dele mesmo, sugerindo ser fruto de uma traição da mãe. E disse que gostaria mesmo que ele não fosse filho do seu marido. Quer talvez com isso que seu filho seja o único, como ela gostaria de ser na sua família. Ser a filha do meio deve lhe remeter a um lugar menos especial, de nem ser a primeira, nem a caçula.

Seu filho, esse que ela espera, parece que deve ocupar o lugar desse primeiro filho do marido. Talvez, negar o primeiro filho seja uma tentativa de apagar o passado desse pai. Esse primeiro filho o remete aos EUA, às brigas do primeiro casamento e sua deportação do país. Algo de vergonhoso para ela, talvez.

Para ela, seu filho não pode ser mais um, mas o único, ou o primeiro. E que seja ela a mãe do principal.

7.4 - Relato da Entrevista com a Gestante (Ge4)

A gestante (Ge4) tem 31 anos e está grávida de 28 semanas de um menino. A gestante considera que o marido é sua “base”; “*ele é meu ponto de equilíbrio*”. Ele teve um casamento anterior por oito anos, e não teve filhos.

O relacionamento com seu marido logo se estabeleceu; foi ficando na casa dele e de repente já morava lá. Logo também engravidou e o marido não queria ter o filho. Pensava que

demoraria mais tempo. Ela colocou para seu marido: *”Vou te dar dois anos para você ver se quer ter filho ou não, porque se você não quiser, vai embora, porque eu quero ter porque tenho trinta anos [...] eu não vou esperar mais dois anos para conhecer uma outra pessoa, ter um novo relacionamento, para ter um filho. Eu quero ter filho!”* Ela concordou com os dois anos de espera, *“[...] mas em janeiro me deu a doida e eu falei assim: vou parar de tomar injeção! Se você não quiser ter filho, tem camisinha aqui na gaveta [...]”* Logo que ela parou de tomar injeção (hormonal), já engravidou.

Disse que ainda é apaixonada pelo marido.

A gestante considera que sua gravidez transcorre normalmente, apenas ela possui dores em função de um problema na coluna.

Ela veio conhecer seu pai com 18 anos. *“Ele já me rejeitou quando nasci”*.

Quando ela tinha quatro anos, sua mãe conseguiu por um processo de reconhecimento de paternidade que a filha tivesse o nome do pai no seu registro.

“[...] mas como filha ele não me aceitou mesmo”.

Seu sentimento com relação ao seu pai é *“de muita raiva”*. Ela disse que tem o pior dos sentimentos para com ele, em função das dificuldades que passou na infância, e disse: *“[...] os pensamentos que a gente tem quando é criança [...] porque isso não se apaga, isso não se apaga”!*

Quando comenta sobre a casa onde morou na sua infância, num certo momento, dezesseis pessoas lá moravam também, entre filhos, primos, tios e tias.

“[...] era todo mundo meio irmão”. A avó era querida por todos os netos.

Sua avó faleceu há quatro anos e atualmente, grávida, a gestante pensa como seria tê-la até hoje e como ela veria sua gravidez. Considera que sua avó foi a sua mãe.

Seu avô está vivo ainda e ela disse que todos os netos cuidam dele com muito carinho.

Em relação à sua mãe ela disse que não sabe o que dizer; ela mora com o seu avô, *“[...] mas é uma imagem que não tem muito significado”*. Acha que agora sua mãe está *“caindo na realidade”* por ter envelhecido; *“a ficha está começando a cair”*.

Ela disse que a família do seu pai vem de origem alemã e italiana, sendo sua avó paterna, italiana. Do lado materno também disse serem descendentes de italianos.

Sobre a família do marido, ela considera que ele tem uma estrutura familiar mais estável. Ele é o caçula de quatro filhos, com 31 anos, *“o mimadinho da mamãe”*. Quando tinha 12 anos seu pai teve um derrame e depois mais outros que o deixaram na cama até falecer. Sua sogra cuidou do marido por aproximadamente dezessete anos.

“A mãe é uma deusa para todos [...] coitado de quem tocar no cabelo da mãe [...]”

7.4.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 4 (Ge4)

1- Categoria: Aspectos transferenciais e contratransferências: observações e percepções da pesquisadora durante a entrevista.

Encontrei a gestante Ge4 num posto de saúde da prefeitura, onde ela trabalha. Ficamos numa sala de atendimento, só nós duas, com autorização das outras profissionais. Eu havia ido até lá para entrevistar grávidas do posto de saúde. Quando soube que havia essa profissional lá, grávida, conversei com ela se gostaria de fazer parte da pesquisa e ela concordou.

Apresentei-me e li o Termo de Consentimento. Ela concordou e assinou. Depois pedi licença para ligar o gravador e começarmos a entrevista.

Tive a impressão de que a gestante estava feliz em poder falar do seu filho. Parecia ter um sentimento importante de orgulho pela gravidez.

Ela disse estar morando com o pai da criança há quinze meses, com um namoro anterior de dois meses, às vezes falava que foi de seis meses. As contas não batem, fica confuso o cálculo, mas parece que estão juntos há mais ou menos um ano e sete meses.

Comento algo no sentido do processo ter sido rápido, mas ela disse que “*foi acontecendo*”.

Quando comecei a perguntar-lhe sobre sua família, percebi que ela não ficou mais à vontade como no início, mas não expressou nenhum comentário a respeito e nem se negou a responder sobre o que foi perguntado.

Ela expos sua família como aquela “*que não tem uma estrutura convencional*”, sendo a primeira filha de cinco, cada um de um pai diferente. Num momento eu falei sobre os outros casamentos de sua mãe e ela me corrigiu, deixando claro que nunca houve casamentos, e sim, apenas filhos de pais diferentes. Ao falar de sua mãe, disse que não a considera como tal, e sim sua avó que sempre cuidou de todos. Ao pensar sobre a idade da mãe, falou que ela era de 1959, e eu digo 53 anos, porque é minha idade. Nesse momento senti uma transferência negativa comigo, como se eu fosse sua mãe.

“Fui criada pela minha avó com minha mãe dentro de casa”. “Foi uma estrutura bem debilitada”.

Chegou um momento em que ao falar do seu pai, expressou muita raiva dele. Pensei que ela fosse chorar, mas se controlou. Ela falou de uma raiva imensa, que a remete à sua infância, e é atual.

Ao mencionar seu bebê, disse que imagina que, quando ele nascer, chorará por três dias de emoção! Disse-me que sempre que fala dele se emociona, mas não chegou a chorar durante a entrevista.

Quando o gravador parou aos trinta minutos e eu viraria a fita, ela surpreendeu-se e achou que falou demais. Daí para frente falou menos e evidenciou que estava com pressa. Acredito que expor sobre sua família de origem seja difícil para ela, evocando sentimentos de abandono e rejeição.

Durante a entrevista eu procurei acolhê-la, ouvindo-a com muita atenção. Realmente, não devia ser fácil para ela abordar sua intimidade e história tão sofrida. Porém com relação ao bebê, mostrava-se uma grávida orgulhosa! Do bebê ela gostou de falar, como uma nova história na sua vida, onde ela ocupa um lugar bem diferente, um lugar de mãe que deseja seu filho.

2. Categoria: O Genograma psicanalítico: aspectos conscientes e inconscientes contidos no desenho do genograma

A gestante inicia perguntando se pode começar pelo filho que irá nascer. Digo que pode fazer como quiser, mas ela muda de ideia.

Não sei se ela não sabe fazer o genograma, ou se quer fazer diferente. Disse que não faria árvore, mas *“bolinha”*.

A cada bolinha/filho ela dizia: *“[...] aqui gerou minha mãe, aqui gerou meu pai”*...

“Meu pai xxxx (inaudível) com minha mãe, deu em mim”.

Do lado do marido também usou o verbo ‘gerar’. Esse verbo, gerar, parece ser mais referente à função biológica do que a uma função simbólica, de união e amor. Talvez dessa forma ela perceba a si mesma e os filhos de sua mãe que não possuíam estrutura familiar de pai e mãe.

Desconhece se seu marido tem avós paternos, mas ela conhece a avó materna, ainda viva, dele.

A gestante executa um desenho muito simples, extremamente simples! Escreve pai, mãe, dos lados dela e do marido e só o nome do filho foi escrito no genograma.

Ao lado das ‘bolinhas’ foi escrito pai e mãe, e não avós. No lado esquerdo que seria sua família, as bolinhas da mãe/avó são insistentemente refeitas.

Os avós são duas bolinhas juntas, uma ao lado da outra; no caso do pai e da mãe, são desenhadas separadamente. Isso tanto na família dela, como na família do marido.

O relacionamento da gestante com seu marido desenvolveu-se rapidamente. Parece que ao encontrar alguém que possuía uma família estruturada, com pai e mãe, ela não esperou muito para entregar-se afetivamente. Além disso, sua sogra foi “exemplar” nos cuidados tanto dos filhos quanto do marido doente. Parece que ela percebeu que era isso o que desejava para si.

Em alguns momentos, ela deixou claro que as decisões foram tomadas por ela e que seu marido acabava por aceitá-las. Ela demonstra ser mais impulsiva e seu marido mais sensato, cuidadoso. Ela percebe essas diferenças como significativas para ela, “[...] *ele é minha base, o meu ponto de equilíbrio [...]*”, porém em alguns momentos gostaria que ele fizesse coisas erradas também, como passar no farol vermelho.

A transmissão do legado geracional da gestante é feita por ‘buracos’, abandonos e vergonha. Seu pai não lhe ofereceu um lugar amoroso, nem protetor. O que lhe foi outorgado foi seu sobrenome, à custa de processo judicial. Sua mãe também não a acolheu como mãe, mas a viu como fruto de um encontro casual. O investimento narcísico parental não ocorreu, e possivelmente o bebê sobreviveu graças aos investimentos afetivos dos avós maternos.

Seu genograma é simples como parecem ser os vínculos da gestante com sua mãe e pai. Visualmente, as duas famílias parecem duas tábuas ou portas e o nascimento do bebê parece o novo, o diferente, acima. Seu genograma parece uma igreja, sendo seu filho talvez o primeiro fruto de uma relação amorosa. Esse filho também pode significar a possibilidade de perdão dos pais, agora que ela ocupa o lugar de mãe. Amando e podendo ser amada pelo filho, talvez ela possa perceber o quanto seus pais foram privados desse privilégio e inundação de amor.

Para ela sua avó e seu avô são seus pais, como já foi dito na entrevista. Por eles foi criada e assim os considera.

A gestante disse que passou a vida inteira pensando que ia engravidar de uma menina, talvez para reparar seu próprio nascimento. Quando descobriu que estava grávida, começou “*a ter desejo por menino*” porque o pai do bebê também queria um menino. Disse que sem saber o sexo, já queria um menino. Nesse momento, quem sabe, já havia sido reparada ela mesma do lugar de abandono; já era amada e capaz de amar.

Para a menina já possuía um nome; para o menino, não. Disse que foi difícil para ela escolher um nome de menino. Pensou em alguns e me disse quais eram. Chamei sua atenção que todos os nomes que escolheu eram italianos. Ela disse não saber.

Perguntei se havia uma ascendência italiana e ela disse que sim. Seus avós paternos e maternos nasceram aqui, mas são descendentes.

Infelizmente não pedi o nome do seu pai durante a entrevista, mas aqui provavelmente fosse importante sabê-lo.

O que ficou evidente, em termos do seu bebê, é que ele inaugura outra linhagem - um ser fruto de uma história afetiva, de um casal que deseja constituir uma família e não de uma criança fruto da vergonha, da humilhação.

4 - Categoria: Processo de nomeação

Como vimos acima, os nomes que escolheu para seu filho eram (para mim) sempre italianos. Ao buscar em dicionários de nomes, percebo que os nomes não são italianos; foi um engano meu. De alguma forma, o italiano sobressaiu-se em mim. Soube que ela vinha de famílias italianas, talvez seja esse o sentido. O primeiro nome do marido, sim, esse é italiano. A cada nome que a gestante escolhia, a sogra referia-se a um da família, ou o marido também. Disse-me que seu marido “*não se adaptava a nenhum desses nomes*”. Quando escolheu o nome, R., disse que sentia o filho como R. Seu marido está aceitando melhor, mas quer colocar um segundo nome. Os que ele propõe, ela não admite, os considera horríveis. Disse que aceitaria F., que é o segundo nome do marido.

Interessante que ela tem apenas um sobrenome, que deve ser o do pai. Não consigo ver qual é na sua assinatura; está pouco legível.

Ela disse que seu sogro colocou todos os nomes dos filhos com apenas o seu sobrenome. Disse que para seu filho quer o sobrenome dela e do marido.

“*Falei que o filho dele (do marido) não vai ser assim porque ele tem mãe!*” Exige que seu sobrenome seja colocado.

Sabemos que seu pai deu o seu sobrenome a ela quando ela tenha quatro anos por decisão jurídica; naquele tempo não se usava o método pelo DNA. E ela só veio conhecer o pai aos 18 anos. Colocou que ele a rejeitou desde seu nascimento. Porém percebemos com essa exigência do seu sobrenome no filho, que, de certo modo, ela quer manter o sobrenome do seu pai nos seus descendentes. É algo que ela oferece ao seu filho, mas que recebeu do pai que disse odiar. Realmente, parece que a única coisa que recebeu do seu pai foi o seu sobrenome, e isso ela quer transmitir para seu filho. O seu sobrenome, vindo do seu pai, foi o legado que ele lhe deixou.

Num primeiro momento ela disse que o marido aceitou o nome que ela quer, como se tivesse ocorrido um consenso, mas depois disse: “[...] *além de tudo, quem escolheu o nome fui eu!*” Acaba por revelar como sente a nomeação do filho.

A gestante mostra-se imatura e impulsiva, trazendo a decisão da nomeação do filho só para si.

5 – Categoria: Lugar que a criança ocupará na família

Desde a realização do genograma, seu filho representa um novo começo, uma nova geração, uma criança com pai e mãe juntos, fruto de uma relação de amor entre eles. Ao ter o desejo de colocar o sobrenome do seu pai no filho, parece querer ‘casar-se’ com ele, algo que sua mãe não fez. Seria então um filho edípico, mesmo com tanto ódio expresso. Relata que sua mãe “*não tem censo de maternidade*” e disse se emocionar sempre ao falar do seu filho. Ela percebe-se diferente da mãe, que de certa forma, despreza. Na verdade, como menciona na entrevista, “[...] *é uma situação difícil [...] (sinto-me) desfalcada de pai e mãe*”. Portanto, cabe ao seu filho reparar o lugar de ‘pertencimento familiar ou geracional’, que a ela foi negado.

7.5 - Relato da Entrevista com a Gestante (Ge5)

A gestante (Ge5) tem 34 anos e está com 36 semanas de gravidez de um menino. É secretária bilíngue e sente-se realizada na sua profissão.

Casou-se na igreja e no cartório há três anos e meio, mas disse conhecer seu marido há 10 anos. Foram amigos na faculdade e ela havia tido um relacionamento anterior de muitos anos. Depois que se separou, logo começou a namorar seu atual marido. Desde que se casaram eles tentam ter um bebê. Ela disse que por já estar numa fase madura da vida, não havia motivo para esperar mais. Disse também que o marido é “*louco*” para ser pai.

Coloca que talvez pela ansiedade de ter logo o filho, esse demorou a vir. Ela chegou a realizar exames, mas não havia nenhum problema para engravidar. Teve um aborto espontâneo há um ano. Quando ia fazer um importante exame e que não poderia estar grávida, resolveu fazer o teste de gravidez no dia anterior. Estava grávida, então.

Seu primeiro namoro durou nove anos. Começou quando ela tinha dezesseis anos. Segundo ela o relacionamento já estava desgastado, “*sendo empurrado com a barriga*”. Estava prestes a se casar quando decidiu romper a relação. “*Larguei tudo e não quero mais!*” Disse que havia problemas entre as famílias; sua mãe não gostava dele e ele, dela, da mãe. Chegou a fazer terapia na época.

Com seu marido o relacionamento era melhor e logo se definiu. Ela tem algumas dúvidas nesse sentido; se não deveria ter ficado mais tempo sozinha, por exemplo. Interessante, pois no início do namoro com seu marido foi para um intercâmbio no exterior, viajou muito e adiou sua volta para o Brasil algumas vezes.

Seu sogro e seu marido trabalham no comércio. Seu pai foi funcionário de uma empresa por muitos anos, sofreu um acidente de trabalho que o deixou sem dois dedos da mão direita, mas até hoje trabalha na mesma empresa em outra área.

A gestante mora hoje na casa que era da família do seu marido. A família mudou-se e o casal passou a morar lá.

Seu pai tem o nome do seu avô, por isso é Filho.

A gestante, suas irmãs e sua mãe têm apenas o sobrenome do pai.

7.5.1 - Análise da entrevista e do genograma da Gestante 5 (Ge5)

1- Categoria: Aspectos transferenciais e contratransferências: observações e percepções da pesquisadora durante a entrevista.

Apresentei-me e li o Termo de Consentimento. Ela concordou e assinou. Depois pedi licença para ligar o gravador e começarmos a entrevista na cozinha da sua casa. Parece que ali nos sentiríamos mais à vontade, o que de fato ocorreu. Estar na cozinha significou para mim um espaço amoroso e acolhedor.

É uma pessoa muito simpática e demonstrou estar à vontade comigo. Falou muito de diversos assuntos, sempre solícita e risonha.

Foi uma entrevista agradável.

2. Categoria: O Genograma psicanalítico: aspectos conscientes e inconscientes contidos no desenho do genograma

Ela começou pela família do seu pai, depois da sua mãe, no lado esquerdo da folha. No lado direito começou pelos avós paternos e depois maternos. Seus avós maternos são vivos e os paternos, não. Ela escreve os nomes completos de todos, menos de sua avó materna. Já aí manifesta que com o lado materno da família há dificuldades ou conflitos.

Para ficar ao lado do seu marido no genograma, muda as posições de suas irmãs e dela, por ordem de nascimento. Isto é, na esquerda está a caçula e ela à direita.

Sua mãe tem o sobrenome do marido, como dito anteriormente, e não foi criada pelo seu pai, mas sim por um padrasto.

Ao ver os nomes dispostos, muitas interpretações foram destacando-se do genograma.

Seu nome é quase igual ao da sua mãe, ambas são Marias e ambas têm o sobrenome do seu pai. Logo aí percebi que a gestante poderia ser esposa do seu pai. Como também já foi colocado, seu pai tem o mesmo nome do seu avô, sendo *Filho*. Tanto a gestante como o seu marido, ambos têm apenas o sobrenome dos pais e são primogênitos.

Num momento da entrevista fala “*meu avô*” e corrige para “*meu sogro*”. Tanto seu avô, como seu sogro, possuem o primeiro nome na hierarquia de *Filho* e *Neto*. Esse ato falho começa a me mostrar algo do seu desejo edípico.

Com todas essas observações, parece que não admitir mudança no seu nome e aceitar que seu filho seja *Neto*, estabelece uma possibilidade incestuosa dela com seu pai. Parece que é dessa relação que ela não abre mão, desse primeiro amor edípico.

3- Categoria : Bebê imaginário

A gestante disse que sempre teve em mente que teria uma menina e já possuía um nome para ela. Como todas as mulheres da sua família, inclusive ela, se chamam Maria, imaginou esse como o segundo nome de sua filha também. Ter uma filha seria um prolongamento dela mesma, do lugar que ela já ocupou: ser a primeira filha do casal. De algum modo, também mostraria ser tão capaz de gerar uma menina, quanto sua mãe o foi e poderia agradar seu pai novamente.

Ter um filho a fez sair desse lugar de prolongamento e ao mesmo tempo a colocou frente à possibilidade de gerar um menino que continuaria a descendência do seu pai, sendo *Neto*. A seguir ficará claro esse desejo.

Seu filho será o primeiro *Neto* das duas famílias.

4 - Categoria: Processo de nomeação

A gestante fez questão de dizer ao seu marido que não mudaria seu nome após o casamento. Disse-me que no antigo relacionamento esse foi sempre o ponto de discórdia.

“Você nasceu com um nome; você não muda sua vida porque você se casou, separou ou está solteiro. Você continua a mesma pessoa, porque você tem que alterar o seu nome?”

“Eu não vou mudar o meu nome [...] até quando eu morrer”.

Frente essa exigência ao se casar, o marido disse que concordava desde que ela colocasse o nome dele no filho, o que ela assentiu.

Seu marido é Filho e o filho será Neto.

Ela considera que foi um acordo entre os dois. *“Casou que eu gostei do nome também.”* *“Se o próximo filho for menina, eu posso escolher?”* Ele respondeu que sim, em comum acordo.

O que observamos com a entrevista e seu genograma, como já dito anteriormente, é que não é bem isso que ela deseja e aceita. Ela consente o nome do marido para seu filho, mas na verdade impõe o seu desejo inconsciente de ter um filho com seu pai.

5 - Categoria: Lugar que a criança ocupará na família

Interessante destacarmos que a mãe da gestante não se dá com a própria mãe, chegando a não falar mais com ela. Parece que a mãe “cutucava a ferida” da filha. Não sabemos exatamente, mas parece que era sobre algo que envolvia seu avô materno. A mãe da

gestante não conheceu seu próprio pai e foi criada pelo padrasto. Esse padrasto é chamado de avô pela gestante, pois foi ele quem sempre ela conheceu.

A gestante considera sua avó como melancólica e acredita que isso também tenha afastado sua mãe dela. Refere que seus pais se amam, se dão muito bem e os vê como modelos para si mesma.

Há algum problema na transmissão psíquica de mãe para filha na geração anterior. Não sabemos se sua avó ao engravidar da sua mãe perdeu o pai da filha. Se isso ocorreu, de certa forma a avó culpa a filha pelo abandono. A avó casa-se depois, mas talvez não tenha conseguido aceitar a perda do primeiro parceiro ou sempre tenha associado essa filha (mãe da gestante) ao abandono vivido.

Sabemos que os casais fazem acordos e pactos, e que na maioria das vezes, estes são inconscientes. Nesse caso, cada um mantém o seu desejo individual e não discute o desejo do outro: a gestante mantém sua fantasia de um bebê edípico e seu marido impõe sua genealogia. Parece-nos que o acordo estabelecido é aparentar uma harmonia do casal, mas na verdade cada qual realizou o seu desejo individualmente.

8. Análise geral (as cinco gestantes)

1- Categoria: Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais

Todas as gestantes demonstraram prazer em falar dos seus filhos, como sendo **seus bebês, suas majestades**. Percebemos dessa forma, os investimentos narcísicos delas para com seus bebês.

O observado foi que elas não imaginavam que no decorrer da entrevista deveriam falar de suas famílias de origem e das famílias de seus maridos. Nesse momento percebemos que as gestantes Ge2 e Ge4 demonstraram dificuldades em função das histórias traumáticas de suas famílias. A primeira, emocionalmente distante, mostra-nos sua dor. A segunda é invadida pelos seus sentimentos negativos em termos de pai e mãe; conseguiu contar sua história, mas logo após disse que precisava encerrar a entrevista. Era o seu limite e o respeitamos.

Houve transferência positiva com todas as entrevistadas, com um incremento maior com a gestante Ge3 e com exceção da gestante Ge4. Acredito que isso se deu porque elas sentiam-se bem ao falar dos seus bebês e eram compartilhadas nesse prazer, por mim. A gestante Ge3 mostrou-se mais infantilizada do que as demais ao realizar o genograma, mais sedutora e justamente a que relaciona o lugar de pesquisadora com o de psicanalista. Apenas no segundo caso (Ge4) surge um sentimento negativo momentâneo com relação à entrevistadora. Como a entrevista ocorreu em seu local de trabalho, ela pode ter ficado mais defendida e com sentimentos persecutórios, já que comentar sobre mãe e pai, para ela, ali, era associar com temas vergonhosos, o que a levou a sentir-se desprotegida.

Os vínculos estabelecidos pelas gestantes eram em média longos, com exceção da gestante Ge4. Essa demonstrou ser mais impulsiva e imatura do que as demais, em seu relacionamento. Ge4 se dá conta durante a entrevista, e eu também comento, sobre a rapidez quanto à decisão do casal em morar junto, como de engravidar. É interessante apontar que ela sente o comentário como crítica e reage negativamente. De algum modo, sua atitude defensiva demonstra, no momento, uma inflexibilidade ou não abertura para uma reflexão interna. As demais gestantes possuíam uma conjugalidade estabelecida antes da parentalidade.

Houve, em sua totalidade, um comportamento de acolhimento da entrevistadora, principalmente quando era percebida alguma dificuldade no decorrer da entrevista.

2 – Categoria: Genograma psicanalítico e sua análise

O genograma demonstrou ser um instrumento importante no sentido de visualizar ou deixar transparecer a dinâmica mais inconsciente e o legado familiar, bem como o desejo de inserção na(s) genealogia(s) familiar(es) dessas gestantes, por meio da nomeação de seus bebês. Seu preenchimento com nomes e/ou sobrenomes foi importante para a visualização de dificuldades, conflitos e desejos das gestantes.

Dos mais sofisticados, aos mais rudes, os genogramas foram capazes de nos fornecer informações dos legados familiares e a perspectiva do novo perante o bebê que irá nascer. Cada nascimento envolve o rito de acolhimento e passagem, como já foi dito anteriormente. É sempre um ‘fazer de novo’ a cada membro que nasce na família; o legado e as leis são conferidos para a inserção do bebê no círculo social.

3 – Categoria: Bebê imaginário

Os bebês imaginários são muitas vezes desejados pelas mulheres desde muito cedo. Como já vimos, na gravidez a mulher revive os conflitos infantis, principalmente sua relação com sua mãe, e regride psicologicamente para se identificar ao bebê que irá nascer.

Conflitos edípicos são revividos e a perspectiva do triângulo emocional é inevitável. Com isso, há o amor pelo filho que se gera, mas a revivescência da competição pelo amor do outro. Há o prazer de ser capaz de gerar, como sua mãe, e agora poder ter o filho com o substituto do pai. Todos, conflitos edípicos que são estruturantes a cada novo ser.

O bebê imaginário reflete o amor que se recebeu e aquele que gostaria de ter recebido. As trocas de lugares acontecem, sendo-se mãe e filho, alternadamente.

Observamos três gestantes (Ge1, Ge3 e Ge5) que tiveram apenas irmãs e desejavam ter meninas agora, num processo de identificação narcísica com seus bebês. Além disso, as gestantes Ge1 e Ge5 eram primogênicas também. Novamente, demonstram querer ter as filhas que seus pais tiveram, sendo agora elas as mães; novamente numa atitude narcísica com o filho sendo fruto do amor edípico e infantil.

Dois aspectos também foram observados nessa categoria. Um, dizendo respeito à conjugalidade e outro ao fato de serem recasamentos. No caso dos recasamentos, as gestantes mostraram que desejavam que os seus filhos ocupassem os lugares de filhos primogênicos não

só para elas, como para o pai. Por encararem o primogênito com uma qualidade especial e também como uma tentativa de apagar o passado do marido/pai e suas relações amorosas anteriores. Outra forma de lidar com esse conflito é dizer que seu filho será o primeiro neto da sua família ou especificando o número na família do cônjuge. Mesmo não sendo o primeiro, será especial de outra forma.

Sobre a conjugalidade, percebemos que ter um filho, para a maioria das gestantes, implicava em ter um relacionamento estável com seus maridos. Quase todas já possuíam um tempo de namoro e casamento; apenas uma que não. Parece que essa última, pelos problemas que teve com seus pais, privilegiava ser mãe, ou, a parentalidade. Provavelmente para ela fosse imperioso saber-se capaz de ser uma mãe diferente da sua e ter seu filho como fruto de uma relação amorosa.

4 - Categoria: Processo de nomeação

Parece que é unânime, em maior ou menor intensidade, que há uma clara dominância do desejo das gestantes na escolha de nomes dos filhos, buscando apenas a concordância dos parceiros. Há fatores inconscientes ligados à herança geracional com interferência na escolha dos nomes e uma fixação em questões edípicas, como pode ser observado nas gestantes Ge1, Ge2, Ge4 e Ge5.

Sobre a dominância do desejo das gestantes nas escolhas de nomes para seus filhos, numa sociedade patriarcal, parece-nos que aquilo que diz respeito aos filhos, essas mães tomam para si e não abrem mão dos seus desejos. É como se fossem apenas *seus* filhos.

5 – Categoria: Lugar que a criança ocupará na família

Os filhos ocupam lugares sempre marcados pelos legados familiares. Muitas vezes são idealizações, por que esses filhos ainda não nasceram, e não foram contrapostos com suas características reais e diferentes do que as mães narcisicamente projetaram neles.

Vemos como feridas emocionais, conflitos e perdas marcam sempre seus portadores. Como o filho é sempre investido narcisicamente, a ele é desejado um novo mundo livre de dores, limites e perdas. Dar nome aos filhos parece carregar esses desejos, conflitos e reparações possíveis, porém às vezes fantasiosas. Desejar tudo aos filhos é possível, mesmo

que seja num mundo ideal. Mesmo assim, edipicamente às vezes, infantilmente sempre, ao filho tudo é desejado.

Nosso sempre *bebê imaginário, sua majestade!*

9. Considerações Finais

Os objetivos dessa pesquisa em verificar se os nomes dados aos filhos primogênitos os colocavam num lugar psíquico determinado na família e como se deu o processo psíquico de nomeação foram contemplados. A escolha e o posterior ato de nomeação ocorreram em função de desejos, expectativas e conflitos próprios a cada membro do casal ou conjuntamente. Os nomes sofrem essas interferências principalmente por envolverem uma primeira decisão e doação dos pais. Como já afirmado anteriormente, os pais investem narcisicamente seus filhos e tendem a construir um mundo idealizado para eles. Nesse investimento, o nome dado ao filho é algo determinante na construção de sua subjetividade futura.

Se o investimento parental for intenso, bem como as projeções maciças, a fixação do filho num determinado lugar familiar e geracional poderá levar às patologias nas subjetividades. Nesses casos, dificilmente a criança conseguirá ter liberdade de ser ela mesma, podendo comprometer seu desenvolvimento emocional.

Nesse estudo não observamos essas projeções excessivas, entretanto todos os nomes dados aos filhos faziam parte de histórias, legados familiares ou frutos de conflitos intergeracionais.

Observaram-se nos casos analisados que, o processo de nomeação dos filhos embora aparentemente fosse construído conjuntamente entre os cônjuges/ pais, na realidade foi sempre uma decisão materna.

Tomando-se como referencial o modelo da família tradicional patriarcal, isso poderia ser visto como contraditório, já que a predominância do legado paterno na nomeação dos filhos é fortemente impregnada pela linhagem masculina. Principalmente os nomes dos primeiros filhos são marcados pela repetição ou continuação do legado patriarcal. Porém, com o desenvolvimento histórico e as transformações sociais do mundo contemporâneo, a mulher foi assumindo um lugar mais atuante na sociedade, na divisão de trabalho e no relacionamento amoroso, continuando a agregar o fato de que os filhos continuam sendo território quase exclusivo ou uma área em que elas não abrem mão facilmente, porque as torna mais poderosas.

Das gestantes entrevistadas, apenas uma criança foi nomeada com o nome do avô e do pai. E, nesse caso, inconscientemente, a mãe aceitou essa nomeação porque a mesma

proporcionava-lhe uma fantasia edípica. Seu marido e seu pai são chamados de *Filhos* e o bebê seria chamado de *Neto*.

A utilização do genograma psicanalítico foi um instrumento complementar importante às entrevistas na medida em que permitiu tornar visíveis questões sensíveis e inconscientes do legado familiar. Histórias, esquecimentos, nomes e sobrenomes foram representados no desenho desvendando sentimentos de abandono, rejeições, segredos e desejos maternos. O uso do genograma fora do contexto clínico e aplicado individualmente permite, por um lado, o movimento de constante intersecção entre pesquisa e clínica; por outro, aponta um limite desse estudo, já que ‘o casal’, seja ele parental ou conjugal foi visto apenas sob o vértice de um dos parceiros.

Conclui-se também que, uma das formas mais concretas de se assumir a parentalidade, inclusive em termos legais, é pela relação que se estabelece com os sobrenomes. Não ter o sobrenome do pai é sentido pelo filho como sinal de abandono e rechaço. Também não ter o sobrenome da mãe, para as mulheres, possibilita a elas terem fantasias edípicas de serem casadas com seus próprios pais. Dar o sobrenome ao filho é inseri-lo na genealogia familiar. É oferecer o legado da família a ele e ampará-lo socialmente.

Todas as possibilidades na nomeação interferem em aspectos emocionais e sociais que poderão marcar subjetivamente os filhos para sempre.

Nas três situações de recomposições familiares que ocorreram nessa pesquisa, vimos o quanto o primeiro filho, investido narcisicamente pela mãe, é colocado em lugar privilegiado por ela. A competição com os filhos anteriores dos maridos ocorreu apenas em duas situações, pois o terceiro cônjuge não teve filhos no primeiro relacionamento. Além da exclusividade que as gestantes queriam dar aos seus filhos, também almejavam que eles ocupassem os lugares de primogênitos dos maridos. Isso, de certa maneira, pode significar uma tentativa de negação do passado dos maridos. Novas pesquisas nesse sentido também poderão nos fornecer informações importantes para os lares de famílias reconstituídas tão presentes na atualidade.

Não podemos esquecer o quanto o nascimento de um filho insere o casal numa triangulação emocional. É um momento delicado onde surgem lembranças de competições e rivalidades relacionadas a conteúdos ligados à triangulação edípica e as relações fraternas. Ter sido caçula ou o primogênito, em sua família de origem, vai interferir quando do nascimento do filho, assim como ter vivido a morte de um irmão. Os fantasmas retornam à cena e sabemos o quão é difícil lidar com sentimentos infantis. Sentir-se excluído, abandonado, ou

menos amado; todos os sentimentos são possíveis ao mesmo tempo da felicidade pelo nascimento de um filho. Na maioria das entrevistadas percebemos uma predominância de fantasias edípicas associadas aos seus bebês, e não uma gestação fruto de uma conjugalidade madura ou projeto conjunto do casal.

Sabemos que a mãe na gestação precisa regredir para poder relacionar-se com seu bebê, mas devido a essa regressão costumam alternarem-se os lugares de mãe e filho(a). Tudo o que somos e vivemos parece acompanhar a gestação e se atualizar no nascimento do filho. Abordamos, então, os sentimentos mais primitivos que envolvem a gestação, o nascimento e a constituição de uma família, pelo ato da nomeação, associado ao filho que virá.

Finalizando, dar um nome ao filho significa receber e amparar a criança que nasce na família, inseri-la em sua genealogia, libertando-a dos mecanismos de transmissão transgeracionais, o que permitirá a construção de sua subjetividade e singularidade.

O bebê, sua majestade, precisa ter um nome para ter sua realeza!

10 – Referências

ABRAHAM, N.; TOROK, M. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.

AMARAL SILVA, M. F. Nomear. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISAS DO LABORATÓRIO ARQUIVOS DO SUJEITO, nº 1, 2012, Niterói. *Anais...* Niterói: Laboratório Arquivos do Sujeito, 2012, p.102-112. Disponível em: «<http://www.uff.br/las/periodicos/index.php/seminariointerno/article/view/1>». Acesso em ago. 2013.

AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

BENGHOZI, P. J. Le spaciogramme em thérapie psychanalytique de couple et de famille. In: *DIALOGUE*, 2, 172. [s.l.]: Ed. Eres, 2006, p. 5-24.

BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta, 1988.

CERVENY, C.M.O.; RABINOVICH, E.P. Família e Genealogia. In: CERVENY C.M.O. (org.) *Família e...Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos nos divórcios, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção Sistêmica, Rede Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COHEN, D. et al. Acompanhamento ecográfico pré-natal de gravidez com suspeitas de má-formações: estudo do impacto sobre as representações maternas. In: LAZNIK, M.C.; COHEN, D. (org.). *O bebê e seus Intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

DOLTO, F. *Inconsciente e Destinos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FERRARI, A.G.; PICCININI, C.A.; LOPES, R.S. O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol.12, nº 2, 2007. Disponível em: «<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/80108>». Acesso em: 11 ago. 2013.

FONTANELLA, B.J.B.; CAMPOS, C.J.G.; TURATO, E.R.(). Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde, *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, nº 5, vol. 14, 2006. Disponível em: «www.eerp.usp.br/rlae». Acesso em: 13 jul. 2011.

FREUD, S. (1913[1912-1913]) *Totem e tabu*. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *Sobre o narcisismo: Uma introdução*. (1914) In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *Luto e Melancolia*. (1917[1915]) In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *Psicologia de massas e análise do ego*. (1921) In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *O Ego e o Id*. (1923) In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *O Mal Estar na Civilização*. (1930[1929]) In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GAY, P. *Freud: Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: Correa, O.B.R. (org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000.

HOMRICH, A. C. B. O conceito de superego na teoria freudiana. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

INGLEZ-MAZZARELLA, T. *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta, 2006.

KAËS, R. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. *Os espaços psíquicos comuns e partilhados – transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KAËS, R. *Um singular plural: A psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola, 2011a.

_____. A realidade psíquica do vínculo, *Revista Brasileira de Psicanálise*, nº 4, Vol.45, p. 155-166. 2011b.

LEBOVICI, S.; SOULÉ, M. *O conhecimento da criança pela psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LEVITT, S.D.; DUBNER, S.J. *Freakonomics - O lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R.; PETRY, S. *Genogramas: Avaliação e intervenção familiar*. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MISSONNIER, S. O início da parentalidade, tornar-se mãe, tornar-se pai: As interações dos pais e da criança antes do nascimento In: SOLIS-PONTON, L. (org.) *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

PICCININI, C. A., et al. Expectativas e Sentimentos da Gestante em Relação ao seu Bebê, *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, nº 3, Vol.20, p. 223-232, 2004.

RABINOVICH, E.P. et al. Atribuição de nomes próprios em neonatos. *Boletim de Psicologia*, 41(94-95), p. 23-30, 1991.

RABINOVICH, E.P., COSTA, L.A.F.; FRANCO, A.L.S. Famílias evangélicas baianas e o processo de nomeação, *Revista Psicologia & Sociedade*, Rio Grande do Sul, 20 (3), p. 417-424, 2008.

RAPHAEL-LEFF, J. *Gravidez: A história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SOLIS-PONTON, L. (org.) A construção da parentalidade In: _____. *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

SZEJER, M. *A escuta psicanalítica de bebês em maternidade*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.

TESONE, J.E. (2009). Inscrições transgeracionais no nome próprio, *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, nº 76, v. 42, jun. 2009. Disponível em: «http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352009000100010&script=sci_arttext». Acesso em: 11 jun. 2011.

TURATO, E.R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*, 6ª edição. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

TUZATTO, M.I.S. *Transmissão psíquica: Metamorfoses teórico-clínicas de um campo em movimento*, Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

Anexo A – Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Conte-me sobre sua gravidez. Como está sendo?
- 2- Como se deu o processo de escolha do nome? Houve interferências das outras pessoas da família?
- 3- Se o bebê fosse de outro sexo, qual nome teria?
- 4- Vocês pretendem ter mais filhos? Já pensaram em nomes?
- 5- Quando você pensa no seu(sua) filho(a), o que lhe vem à mente?
- 6- Se você pudesse dizer algo agora para seu (sua) filho(a), o que lhe diria?
- 7- Como é sua família de origem e a do seu marido/namorado?

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade de São Paulo

Título da Pesquisa: Os nomes plantados nas árvores genealógicas

Pesquisadora: Carmem Sílvia Carvalhaes de Oliveira

Orientadora: Isabel Cristina Gomes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa de Mestrado em Psicologia da Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa refere-se ao processo de escolha do nome atribuído aos filhos primogênitos e os motivos da escolha.

A sua participação será através de entrevista realizada com a pesquisadora, que poderá acontecer em até dois encontros, se necessário, com no máximo duas horas de duração cada. A entrevista será gravada mediante sua autorização, através deste termo.

Informamos que a participação não é obrigatória, não haverá qualquer despesa para participar desta pesquisa, o consentimento poderá ser retirado a qualquer momento e você possui a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta que a desagrade.

Gostaríamos de ressaltar que o consentimento de participação para esta pesquisa fornecerá informações importantes para o avanço no campo das ciências em psicologia.

Declaramos, ainda, o nosso compromisso com o Código de Ética Profissional do Psicólogo assegurando que os dados coletados serão mantidos em sigilo, ou seja, a publicação não incluirá informações que permitam qualquer identificação das entrevistadas, bem como de sua estrutura familiar ou endereço residencial. Estará garantida a não invasão de sua privacidade.

Poderá não haver benefício direto ou imediato para você enquanto entrevistada deste estudo, além de eventuais ganhos altruísticos e emocionais de poder falar sobre o assunto em pauta. Nesse sentido, você poderá ter um aumento de sua consciência sobre seu momento atual e sua própria condição de vida; caso com isso ocorra alguma ansiedade, ou uma situação de mal estar físico ou emocional, você deve procurar a pesquisadora e fazer uma notificação do acontecimento. A pesquisadora se compromete a encaminhá-la para a Clínica Psicológica Dr. Durval Marcondes do Instituto de Psicologia da USP, para cadastro imediato, e, caso necessário, atendê-la em seu consultório particular por três meses.

A pesquisadora fará análise da transcrição da fala e do material coletado.

Em caso de dúvidas, você poderá solicitar informações com a responsável pela pesquisa – Carmem Sílvia Carvalhaes de Oliveira (CRP 06/16165-0) - a qualquer momento, pelo endereço eletrônico carmemcarol@ig.com.br, ou através do “Departamento de Psicologia Clínica” do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco F, CEP 05508-030, Cidade Universitária, São Paulo – Telefone: 3091-4173 e também a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Av. Dr. Arnaldo, 715, CEP 01246-904, São Paulo – Telefone: 3061-7779.

Respeitando, portanto, o procedimento de padrão ético em pesquisa, pedimos que autorize sua participação, assinando esse termo de consentimento.

São Paulo, ____ de _____ de 2012.

Universidade de São Paulo

Título da Pesquisa: Os nomes plantados nas árvores genealógicas

Pesquisadora: Carmem Sílvia Carvalhaes de Oliveira

Orientadora: Isabel Cristina Gomes

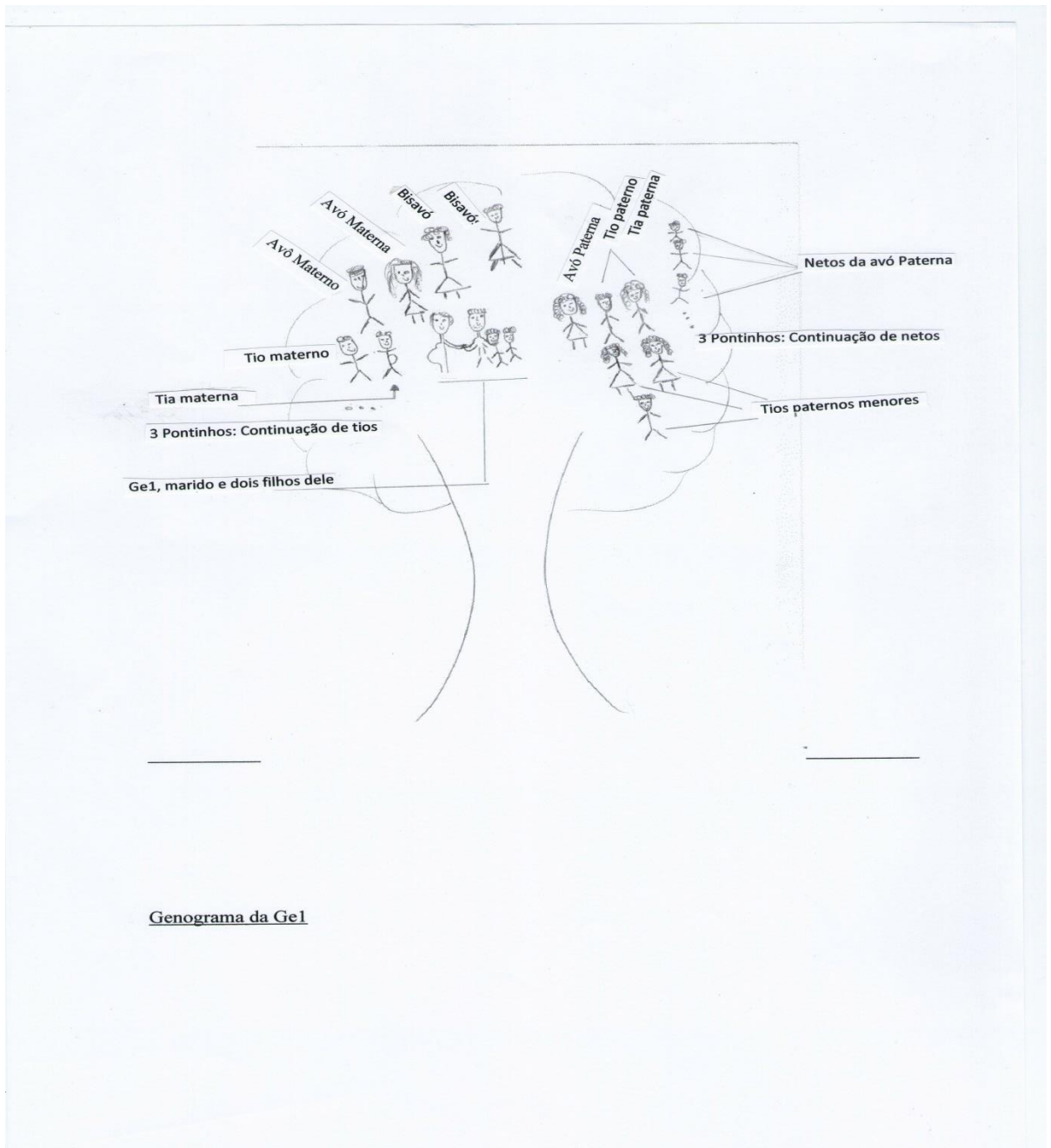
Eu, _____
informada dos objetivos da pesquisa acima e certificada de que os dados coletados serão confidenciais e que poderei optar pela retirada do consentimento a qualquer momento da pesquisa, autorizo a participação de meus dados na pesquisa.

Assinatura da Participante

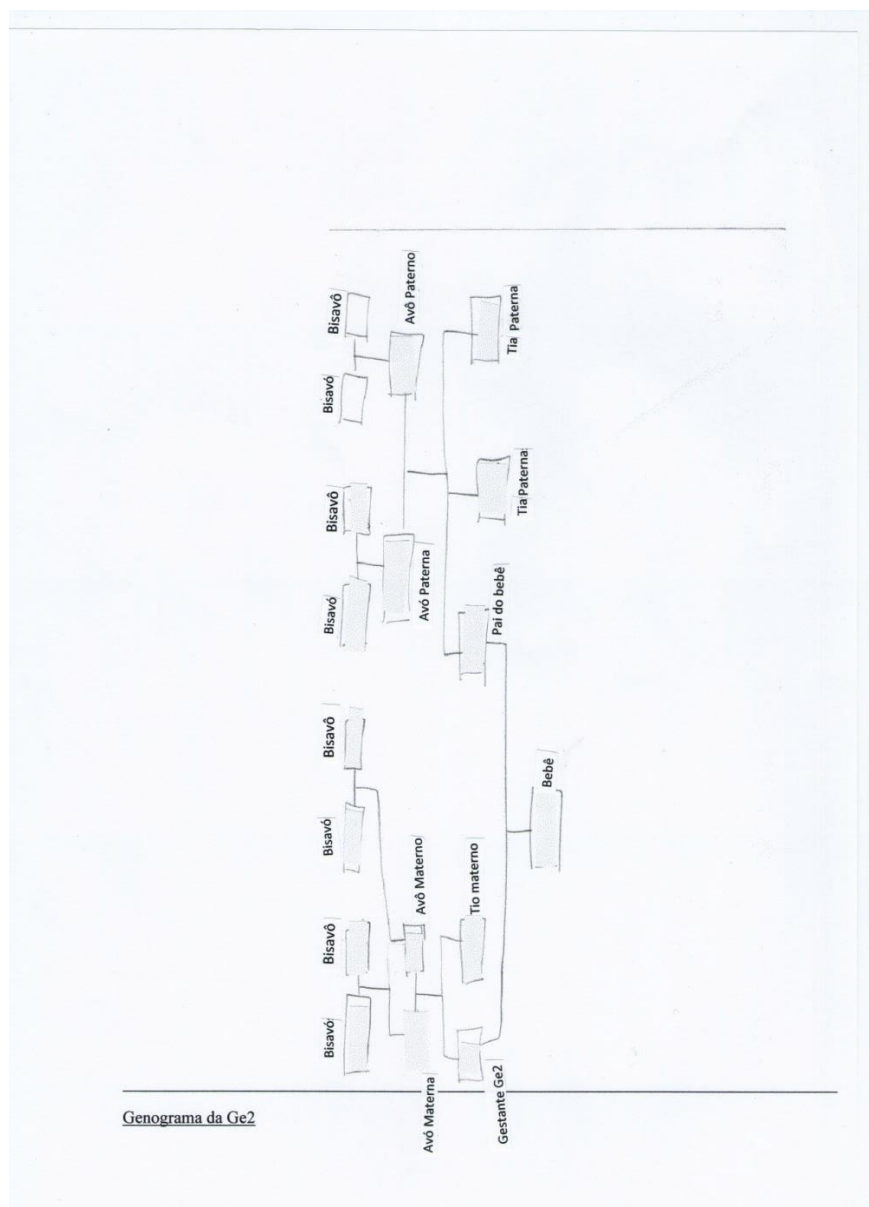
Eu, pesquisadora Carmem Sílvia Carvalhaes de Oliveira, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto à participante.

Assinatura da Pesquisadora

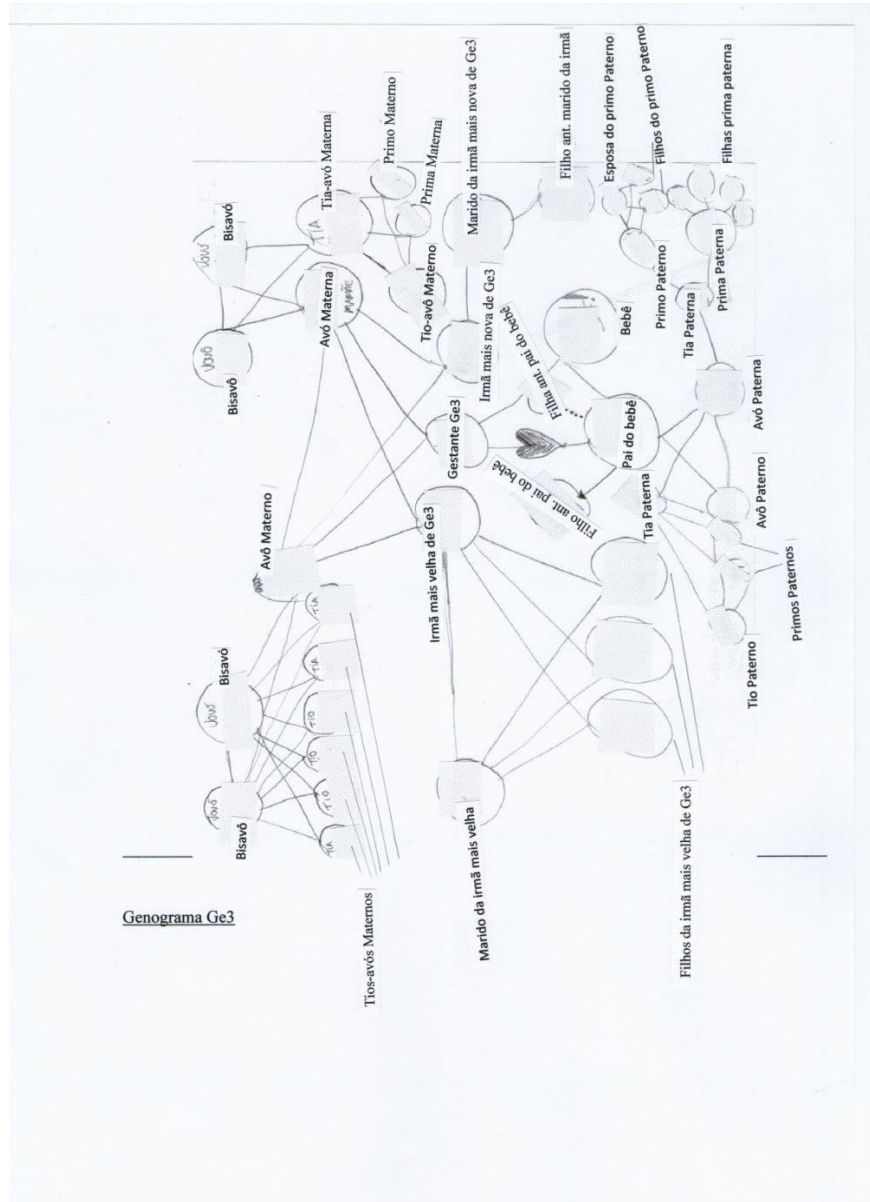
Anexo C – Genograma psicanalítico da Gestante Ge1



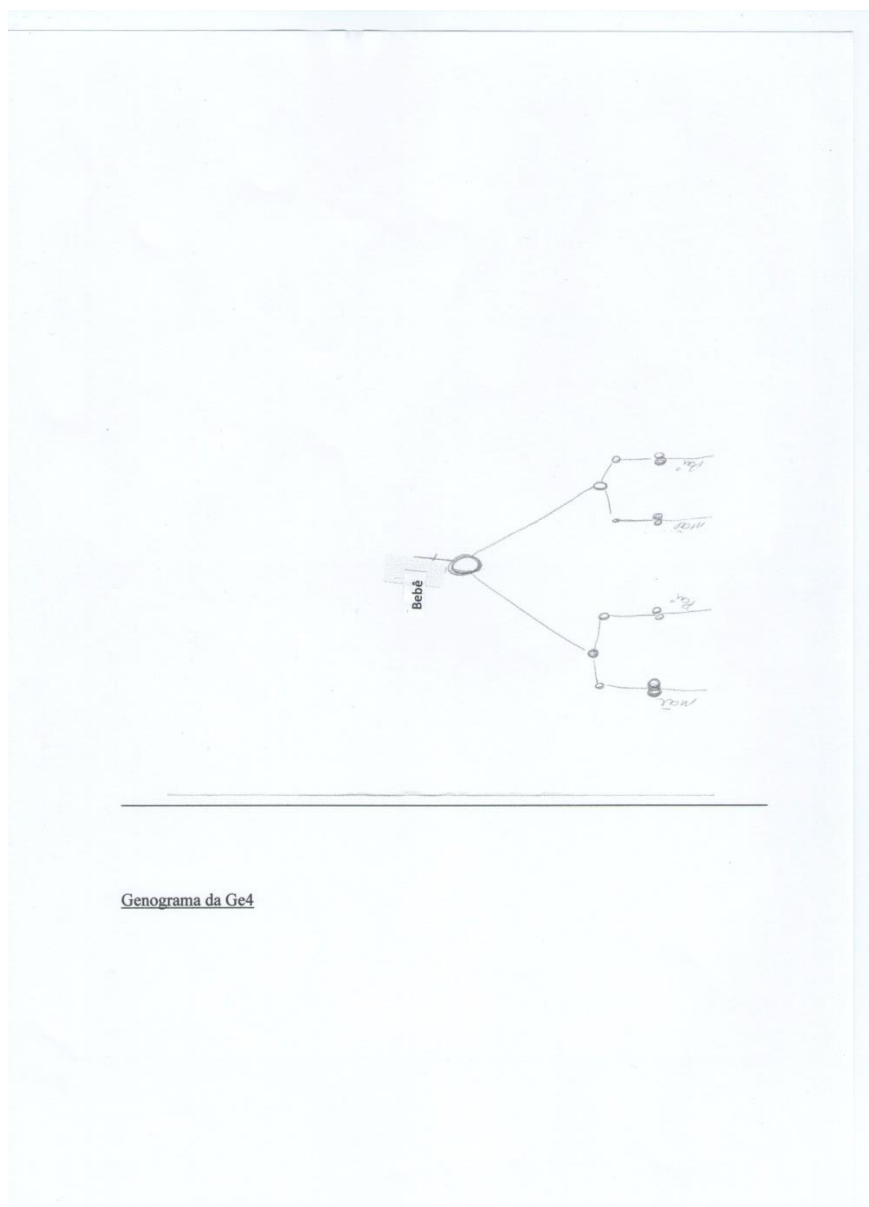
Anexo D – Genograma psicanalítico da Gestante Ge2



Anexo E – Genograma psicanalítico da Gestante Ge3



Anexo F – Genograma psicanalítico da Gestante Ge4



Genograma da Ge4

Anexo G – Genograma psicanalítico da Gestante Ge5

